



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA

ROSILENE RODRIGUES MARUYAMA

**MULHERES RURAIS DE SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER, PODER E
AUTONOMIA NO TERRITÓRIO DA CIDADANIA CUIABANA-MT**

Cáceres/MT
2022

ROSILENE RODRIGUES MARUYAMA

**MULHERES RURAIS DE SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER, PODER E
AUTONOMIA NO TERRITÓRIO DA CIDADANIA CUIABANA-MT**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Geografia para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

**Cáceres/MT
2022**

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M389m Maruyama, Rosilene Rodrigues.

Mulheres rurais de Santo Antônio do Leverger, poder e autonomia no território da cidadania cuiabana-MT / Rosilene Rodrigues Maruyama. – Cáceres, 2022.

96 f. ; 30 cm. il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Acadêmico) Geografia, Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

Orientadora: Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira.

1. Mulheres Rurais. 2. Empoderamento. 3. Território. I. Pereira, L. da C. P., Dra. II. Título.

CDU 911.373-055.2(817.2)

FOLHA DE APROVAÇÃO
ROSILENE RODRIGUES MARUYAMA
MULHERES RURAIS DE SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER, PODER E AUTONO-
MIA NO TERRITÓRIO DA CIDADANIA CUIABANA-MT

Essa dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Mestre em Geografia

Cáceres – MT, 09 de novembro de 2022

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr.^a LISANIL DA CONCEIÇÃO PATROCÍNIO PEREIRA

Orientadora

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Prof^a Dr.^a SANDRA MARA NEVES

Avaliador Interno

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Prof. Dr.^a WALDINEIA ANTUNES DE ALCANTARA FERREIRA

Avaliador Interno

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Prof. Dr. CLEYTON NORMANDO FONSECA

Avaliador Externo

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Prof. Dr. LUIZ AUGUSTO PASSOS

Avaliador Externo

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

CÁCERES – MT
2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de pesquisa à todas as mulheres.

A grande força de muitas delas foi a mola propulsora que permitiu o meu avanço para concluir a grande jornada que é o Mestrado.

Que este trabalho seja um instrumento de luz através das protagonistas Diana, Gaia, Ianna, Ceres e Isis, que se materializam senhoras de si e demonstraram que nada mais querem! Só querem ser MULHERES!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos Habitantes da comunidade de Agrovila das Palmeiras que não hesitaram em se disponibilizar para ajudar no andamento da presente dissertação de mestrado; sem o apoio dos moradores da referida comunidade, não chegaríamos a bom porto. A atitude deste povo ficará eternamente guardada no meu coração.

À minha orientadora Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, por ser minha mestra, e que não mediu esforços em conduzir-me nessa jornada da minha vida, por partilhar comigo seu conhecimento, assistencializando-me com paciência na busca e realização dos meus ideais profissionais e humanos; por ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Gostaria também de agradecer a banca examinadora desta pesquisa: Prof. Dr. Luiz Augusto Passos, Prof. Dr. Cleyton Normando da Fonseca, Profa. Dra. Sandra Mara Alves da Silva Neves e Profa. Dra. Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira, pela generosidade e acuro na leitura e observações atentas, as quais foram imprescindíveis para o enriquecimento do trabalho. Esses/as professores/as, gentilmente nos cederam parte do seu precioso tempo para ler e contribuir com esta pesquisa.

Aos docentes do programa, por compartilhar seus conhecimentos com esta pesquisadora, no desafio de chegar a este momento, quando da proposta inicial de um projeto de pesquisa; se finda a realização de uma difusa dissertação de mestrado.

Às duas grandes Mestres: Waldineia Ferreira Alcântara Ferreira e Lori Hack de Jesus, que Deus colocou como anjos nos momentos em que me desestabilizei.

Ao professor Evaldo Ferreira que me passou paz com a docilidade de um poeta.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram, mesmo em pensamento ou palavras, torceram comigo para mais essa vitória e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Às minhas irmãs, Maria Rosa, Maria José, Maria Aparecida, Rosana e Ana, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os momentos delicados da minha vida.

Ao meu esposo Julio Maruyama, ao teus pais Kazuyoki Maruyama e Sayoko Maruyama, que na ausência dos meus se fizeram presente, proporcionando carinho, apoio e paciência.

Os meus filhos, Janaina Maruyama e Vitor Maruyama, que são minha estrela maior. Com a sua luz, sigo sempre forte caminhando por mim e por eles. Por tantos sorrisos e loucuras híidas, mostram-me os horizontes sem fim da imaginação, por compreenderem as várias horas em que estive ausente devido ao desenvolvimento deste trabalho.

À minha amiga Euzemar Fátima Siqueira e Eliete Porto que se revelam nos momentos difíceis desta caminhada.

À minha amiga Shirley Hack que me faz ver que a amizade é algo de muito valor e está ao alcance de todos.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa durante o primeiro ano de realização do mestrado.

Agradeço a Universidade Estadual de Cáceres por acolher-me como aluna da pós-graduação.

A todos que contribuíram para a realização da pesquisa e que não foram aqui mencionados, devido a esquecimento de momento, deixo registrado os meus sinceros agradecimentos.

Às protagonistas da minha pesquisa que me permitiram entrar nos seus espaços sagrados.

E, por fim, à minha família, que é o meu ponto de equilíbrio.

Muito obrigada a todos/as!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mestranda Rosilene Maruyama	14
Figura 2. Professora da Unemat, Doutora Lisanil Patrocínio participando do evento da Semana do Meio Ambiente na comunidade Agrovila das Palmeiras.	15
Figura 03. Grupo de mulheres da comunidade Agrovila das Palmeiras em curso de qualificação pelo SENAR-MT	25
Figura 04. Livro: A Vida Quer é Coragem - a Trajetória de Dilma Rousseff - a Primeira Presidenta do Brasil. Produto Novo. A trajetória pessoal da presidenta Dilma Rousseff e a história do Brasil moderno se entrelaçam num grande depoimento de coragem.....	27
Figura 5. Área de fazendeiros proibindo o acesso da população.....	32
Figura 06. Reunião de moradores da Comunidade Sangradouro	33
Figura 11. Localização de Santo Antônio do Leverger no Mato Grosso e, em destaque, os municípios circunvizinhos	41
Figura 12. Memorial Cândido Rondon, vista aérea na época da seca.	42
Figura 13. Mulheres na prática da economia de fatura, no preparo da farinha do ora pro nóbis	47
Figura 14. Espaço comunitário da COOPAMSAL	49
Figura 15. Tecnologia social, quebrador de babaçu e panela de pressão trituradora	50
Figura 16. Tecnologia social: panela de pressão trituradora fabricada pelo agricultor.....	51
Figura 17. Grupo de cooperados retirando a amêndoa do babaçu para preparação do óleo	52
Figura 18. Localização de Santo Antônio do Leverger no Mato Grosso e, em destaque, o mapa do assentamento de Agrovila das Palmeiras.....	53
Figura 19. Cartaz elaborado por alunos da Escola do Campo Nagib Saad, 2022	58
Figura 20. Atuação da Prefeita Francieli Magalhães de Arruda, do município de Santo Antônio do Leverger-MT, em visita às obras e à Aldeia Córrego Grande da etnia Boróros, onde vivem 112 famílias, cerca de 400 pessoas.....	62
Figura 21. Sub-prefeita de Agrovila das Palmeiras, Maria da Penha	63
Figura 22. Ação coletiva de mulheres da Agrovila das Palmeiras	64
Figura 23. Reunião de moradores da comunidade Agrovila das Palmeiras	66
Figura 24. Atividade do dia do Meio Ambiente no lote de Dona Maria.....	66

Figura 25. Atividades da comunidade Agrovila das Palmeiras no Projeto do Campo à Mesa	67
Figura 26. Preparação de mudas com a participação de mulheres da comunidade Agrovila das Palmeiras.....	68
Figura 27. Preparação de mudas para serem doadas aos SAFs.....	69
Figura 28. Moradores da comunidade preparando mudas.....	69
Figura 29. Troca de experimentações na produção das mudas: Geraldo Mariano e a Doutora Lisanil Patrocínio	70
Figura 30. Participante do Projeto de Iniciação Científica Junior: Daniela Gonçalves Neto.....	71
Figura 31. Professora aposentada e integrante da Comissão de Articulação da I Mostra Científica Estadual, Euzemar Lopes Fátima Siqueira.....	73
Figura 32. Vereador Manoel Teixeira e demais participantes do encontro na Comunidade Agrovila das Palmeiras	73
Figura 33. Limpeza e desidratação da verdura ora-pro-nóbis.....	75
Figura 34. Farinha e pães enriquecidos com a farinha do ora pro nóbis.....	75
Figura 35. Ceres.....	80
Figura 36. Chamada de Projetos do subprograma Agricultura Familiar e de Povos e Comunidades Tradicionais	96

MARUYAMA, Rosilene Rodrigues. **Mulheres rurais de Santo Antônio do Leverger, poder e autonomia no território da cidadania cuiabana-MT**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Geografia. Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2022. 96p.

RESUMO

Com a participação das mulheres nos diversos campos de trabalho, inclusive no meio rural, onde muitas trabalhadoras são responsáveis pela produção agrícola e pelo manejo e trato dos animais na propriedade, trouxe avanços significativos no que diz respeito a melhoria da qualidade de vida, autonomia pessoal e empoderamento das mulheres do campo. O objetivo da pesquisa foi analisar o papel das mulheres e sua participação no poder decisório, suas práticas e conhecimentos nos diferentes sistemas produtivos, político e social nas organizações, a transformação de seus saberes e fazeres, e quais as consequências que a igualdade de condições de poder social promove para o desenvolvimento das atividades das mulheres do meio rural da comunidade Agrovila das Palmeiras, município de Santo Antônio de Leverger, Estado de Mato Grosso. A revisão sistemática foi executada por pesquisas bibliográficas, visando conhecer o histórico local para contextualizar o estudo. E, para a pesquisa de campo, foi aplicado questionário junto às participantes do estudo, realizando diálogos com roteiro de entrevistas individuais. Foram realizadas visitas, rodas de conversas, oficinas na comunidade, visando conhecer a realidade, o perfil econômico e produtivo dos saberes e fazeres desta comunidade. As atividades das mulheres da comunidade Agrovila das Palmeiras nos remetem a apreender as mudanças ocorridas no cotidiano familiar, as possibilidades e novos significados, principalmente o sentimento de valorização dessas mulheres na participação das atividades produtivas e organizativas, contribuindo com as discussões, se apropriando dos conhecimentos, tecnologias, dos processos, da gestão e como executoras de recursos de projetos locais. Os dados alcançados com o trabalho de campo são fontes quase inesgotáveis que nos levam a compreensão acerca das relações de gênero na agricultura familiar e no empoderamento das mulheres da comunidade estudada. Compreende-se que as pesquisas científicas, oficinas e a troca de *saberes-fazeres* tradicionais são de extrema importância, pois contribuem para melhorar a sustentabilidade e o equilíbrio com o meio, bem como a qualidade de vida dos moradores das comunidades, promovendo uma sociedade mais justa para todos.

Palavras-chave: Mulheres Rurais; Empoderamento; Território; Agrovila das Palmeiras; Geografia.

MARUYAMA, Rosilene Rodrigues. **Rural women from Santo Antônio do Leverger, power and autonomy in the territory of Cuiabana-MT citizenship.** Dissertation (Master in Geography) – Faculty of Human Sciences. Stricto sensu Postgraduate Program in Geography. Mato Grosso State University, Cáceres, 2022. 96p.

ABSTRACT

With the participation of women in different fields of work, including in rural areas, where many workers are responsible for agricultural production and for handling and caring for animals on the property, it brought significant advances in terms of improving the quality of life, personal autonomy and empowerment of rural women. The objective of the research was to analyze the role of women and their participation in decision-making power, their practices and knowledge in the different productive, political and social systems in organizations, and the transformation of their knowledge and practices, and what are the consequences of equal conditions of power. promote the development of activities for rural women in the community Agrovila das Palmeiras, municipality of Santo Antônio de Leverger, State of Mato Grosso. The review was carried out by bibliographic research aiming to know the local history to contextualize the study. And with the field research, a questionnaire was applied to the research participants, carrying out dialogues with a script of individual interviews. Visits, conversation circles and workshops were carried out in the community, aiming to know the reality, the economic and productive profile of the knowledge and doings of this community. The activities of the women of the Agrovila das Palmeiras community lead us to apprehend the changes that occurred in the family's daily life, the possibilities and new meanings, especially the feeling of appreciation of these women in the participation of productive and organizational activities, contributing to the discussions, appropriating the knowledge, technologies, processes, management and as executors of local project resources. The data obtained from the field work are almost inexhaustible sources that lead us to an understanding of gender relations in family farming and the empowerment of women in the studied community. It is understood that scientific research, workshops and the exchange of traditional know-how are extremely important, as they contribute to improving sustainability and balance with the environment, as well as the quality of life of community residents, promoting a more sustainable society. fair to all.

Keywords: Rural Women; Empowerment; Power and Autonomy; Agrovila das Palmeiras; Geography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	19
TERRITÓRIO, COMUNIDADES TRADICIONAIS E MULHERES: RELAÇÃO COM AS CATEGORIAS DA PESQUISA	19
1.1 Conceituações e compreensões sobre o território e comunidades tradicionais	19
1.2 Mulheres nos espaços sociais e mulheres no campo	24
1.3 Constituição do território, mulheres da comunidade de Agrovila das Palmeiras	28
1.4 A Mulher e as relações de poder do patriarcado	37
CAPÍTULO 2	39
DESDOBRAMENTOS FUNDIÁRIOS DA FRONTEIRA MATO-GROSSENSE: O TERRITÓRIO DE SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER	39
2.1 O território de Santo Antônio do Leverger: aspectos geo-históricos e políticos	39
2.2 Agrovila das Palmeiras: realidade rural	46
CAPÍTULO 3	55
MULHERES E CONDIÇÕES DE PODER SOCIAL EM AGROVILA DAS PALMEIRAS: EDUCAÇÃO POPULAR	55
3.1 Educação Popular/Educação do Campo e as mulheres de Agrovila das Palmeiras, participantes da pesquisa	55
3.2 A força de trabalho das Mulheres da Agrovila das Palmeiras: espaços políticos e de liderança	60
3.3 Vivências em oficinas: Mulheres de Agrovila das Palmeiras. A interação entre Comunidade Rural e Científica como instrumento de potencialização de ingresso ao Ensino Superior e trocas de saberes. Ciclo cultural relato - Comunidade Agrovila das Palmeiras	65
3.4 Ciclo cultural – Saberes e Sabores	74
3.5 A Oficina	74

3.6 O processo.....	76
3.7 Mulheres da comunidade Agrovila das Palmeiras. Atividades produtivas rurais e sua participação no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana no meio rural	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS	93

INTRODUÇÃO

As mulheres do meio rural, objeto desta pesquisa, têm vivenciado mudanças em suas vidas, resultado de conquistas de ocupar espaços onde antes não tinham participação. No momento em que a mulher começou a buscar o seu lugar, que não é somente na cozinha ou no cuidado dos filhos, a vida delas começou a mudar. As mulheres têm se libertado, têm saído de casa para participar de uma associação, de uma comissão de mulheres, para ter opinião e dar sua opinião. Conquistaram espaços geográficos antes masculinizados, repletos de elementos do processo de globalização e de disputa do capital. Elas vêm, gradualmente, conseguindo disseminar, divulgar e ocupar lugares para além de seu convívio e das suas relações culturais tão dominados pela cultura patriarcal. Com a participação das mulheres a novos espaços surge uma leve compreensão de conquista a diferentes lugares, passando desse modo pelo processo de democratização no qual o lugar da mulher na sociedade vem adquirindo novas tendências, rompendo barreiras, conquistando espaços no combate às desigualdades e ao empoderamento.

A partir desse processo de empoderamento das mulheres, elas passam a reconhecer seus direitos e lutar pela conquista do seu lugar no âmbito social, que até então era um espaço majoritariamente dominado pelos homens.

Esta pesquisa aponta a relevância do trabalho feminino na agricultura familiar, buscando mapear a sua participação no poder decisório, suas práticas e conhecimentos nos diferentes sistemas produtivos, político e social através de um olhar crítico, salientar como as mulheres no território da cidadania cuiabana constroem e vivenciam a sua participação no poder decisório de suas práticas, refletir sobre suas ações e conhecimentos nos diferentes sistemas produtivos, político e social no lugar onde vivem, estabelecendo também, relações com o olhar da ciência geográfica que oportuniza a relevância da abordagem desta temática.

Explanar os motivos que me levaram a desenvolver o presente projeto de pesquisa implica em retornar parte da minha história pessoal e profissional. Nascida numa comunidade rural em Alto Paraguai-MT, mudei aos seis anos de idade para Cuiabá devido às dificuldades enfrentadas pelos meus pais em sustentar a família com aquilo que retiravam do garimpo.

Fixei moradia em Cuiabá até os meus vinte anos, onde cresci na luta por mudanças de cenário de uma família que chegava à capital mato-grossense sem o

mínimo de condições para que seus filhos crescessem com a mínima qualidade de vida prometida na Constituição brasileira. Aos vinte anos, após o casamento com um oriental, saímos em busca de novos horizontes no país do sol nascente, o “Japão”. Vivemos por ali durante dez anos entre idas e vindas para o Brasil, devido não me adaptar à cultura tão distante da minha. “Lá estava apenas o meu corpo e a minha cabeça, meu coração e minha mente sempre estiveram aqui, e voltei para o meu verdadeiro lugar, o campo” (Mestranda Rosilene Maruyama) (Figura 1), participante da Equipe de Organização da Semana do Meio Ambiente no Distrito de Agrovila das Palmeiras.

Figura 1. Mestranda Rosilene Maruyama



Fonte: Bruna Obadowski, 2022.

Retornamos novamente para o Brasil, e fixamos moradia em Santo Antônio de Leverger, num pequeno povoado que estava em formação. Fixando moradia nesse povoado, atualmente denominado Agrovila das Palmeiras, busco compreender como se processa a construção da identidade em alguns momentos da minha vida.

Em 2003, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiu o governo, a educação foi um setor que se tornou um parceiro importante do governo federal nas políticas de inclusão. Aproveitei o momento e continuei os meus estudos num curso de Licenciatura de Nível Superior. Após o término do curso, na falta de professores,

assumi a sala de aula na Escola do Campo Nagib Saad, localizada na área rural de Santo Antônio do Leverger-MT.

Diante de minha inquietação com os desgovernos deste município, fundamos uma associação de produtores dirigida basicamente pelos homens. Tivemos muitos avanços na organização da agricultura familiar nessa época, porém com a falta de organização e gerência, a associação perdeu tudo que conquistou ficando uma grande dívida de empréstimo junto ao governo.

Em 2013, no dia 28 de abril, diante da falta de políticas públicas que suprissem as necessidades dos agricultores familiares da região, voltamos a nos organizar e nesse momento nasceu a cooperativa COOPAMSAL com o objetivo de termos voz novamente. Entre a sala de aula e os trabalhos na comunidade seguia a minha vida até conhecer a Prof^a. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, que se materializou como Paulo Freire em minha vida, e diante de tamanha insistência, ela convenceu-me a retornar novamente à vida acadêmica no Programa de Mestrado em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), onde pesquiso as Mulheres, poder e autonomia neste território.

Figura 2. Professora da Unemat, Doutora Lisanil Patrocínio participando do evento da Semana do Meio Ambiente na comunidade Agrovila das Palmeiras.



Fonte: Bruna Obadowski, 2022.

Nesta comunidade, venho desenvolvendo um importante papel de liderança na luta contra o coronelismo que insiste em permanecer neste lugar, e é baseado no olhar ao lugar que busco compreender como se processa a construção da identidade em alguns momentos da minha caminhada no território de Agrovila das Palmeiras.

Diante do exposto, indaga-se: quais as consequências da igualdade de condições de poder social das mulheres quanto a sua participação no poder decisório, as suas práticas e conhecimentos nos diferentes sistemas produtivos, político e social nas organizações para o desenvolvimento das atividades no meio rural da comunidade Agrovila das Palmeiras?

O objetivo geral é analisar o papel das mulheres quanto a sua participação no poder decisório, as suas práticas e conhecimentos nos diferentes sistemas produtivos, político e social nas organizações, e transformação dos seus saberes e fazeres, e quais as consequências que a igualdade de condições de poder social promove para o desenvolvimento das atividades no meio rural da comunidade “Agrovila das Palmeiras”.

Especificamente foram definidos os seguintes objetivos: identificar práticas de Educação Popular com a presença das mulheres nas atividades produtivas em diferentes espaços; verificar se há no desenvolvimento das ações dessas mulheres, práticas de cidadania participativa por meio de debates, e ações sobre o papel da mulher nos espaços políticos e de liderança; identificar a valorização das mulheres com atividades produtivas nos espaços rurais e a sua participação no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana, observando os espaços sócio-ocupacionais, cultural e político da mulher no lugar onde vivem.

Para a obtenção das informações, observou-se o comportamento no comando da operacionalização de organização social, tais como associações e da Cooperativa Agropecuária Mista de Santo Antônio de Leverger (COOPAMSAL), com olhar para os trabalhos coletivos e no aproveitamento da produção local, com foco na participação em feiras, mercados e acesso a políticas de governo no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), entre outros de grupos femininos. Dialogado, por meio de um formulário de entrevistas, analisou-se o acesso à educação, escolaridade, o perfil econômico e produtivo dos saberes e fazeres deste determinado grupo.

Para analisar os espaços sócio ocupacionais, cultural e político da mulher no meio rural, observou-se se no local de trabalho há uma equidade entre homens e

mulheres, se há mulheres em cargos de confiança e de governança. Para obter esses dados foi aplicado formulário. E para os resultados, e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, foram realizadas visitas, rodas de conversas, oficinas nas comunidades. Foram requeridos dados junto à Prefeitura do município de Santo Antônio do Leverger onde se buscou dialogar e debater com os dados, o Zoneamento Sócio Econômico Ecológico (ZSEE) sobre as características e o perfil econômico das comunidades, em especial da comunidade Agrovila das Palmeiras.

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas as quais foram previamente elaboradas. Sendo que a primeira etapa foi constituída mediante a observação das comunidades do território da cidadania cuiabana, com ênfase nas diretrizes do ZEE ambiental, apresentando ainda um recorte espacial da comunidade tradicional denominada “Agrovila das Palmeiras”.

As pesquisas bibliográficas visaram a obtenção de compreender a dinâmica das relações de gênero e os trabalhos nas unidades de produção, bem como estabelecer os primeiros laços de relacionamento que facilitaram as atividades previstas para as próximas fases. Para tanto, dialogamos com Merleau-Ponty (1990), Boaventura de Sousa (2009), Pereira (2018), Caio Prado Júnior (2000), Maldonado-Torres (2008), entre outros que nos permitiram contextualizar este estudo.

A segunda fase da pesquisa foi participativa, pois compreende o trabalho de campo e como se realizam as atividades junto à comunidade. Essas atividades foram nomeadas de círculo cultural, as quais objetivaram a melhor compreensão do universo de estudo por intermédio de um questionário semiestruturado, aplicado a cinco mulheres, com o fito de compreender o estabelecimento dos processos produtivos, fontes de renda, divisão sexual do trabalho e tomadas de decisão.

A última fase compreendeu a análise de dados e a apresentação de resultados, mas, ainda assim, foram realizados círculos culturais com a participação feminina em outras esferas socioprodutivas e educacionais. Pretende-se aqui expor pontos centrais da concepção fenomenológica e alguns pontos que fundam o que se poderia chamar uma concepção filosófica com consequências teórico-metodológicas para a pesquisa.

Não sem propósito, o método utilizado foi o materialismo histórico e dialético de Karl Marx (2002), em diálogo com a fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty (2012). O tipo de pesquisa foi a participativa, com abordagem

qualitativa e quantitativa, observando o cotidiano da comunidade e outros atores que proporcionem a formação de uma visão geral sobre o processo de desenvolvimento das famílias e do papel das mulheres na localidade.

Pretendeu-se expor pontos centrais da concepção fenomenológica e alguns pontos que fundam o que se poderia chamar de uma concepção filosófica com consequências teórico-metodológicas para a pesquisa.

A experiência de intercorporeidade é uma das experiências originárias da ontologia, da 'formação' do Eu e do Outro, ou seja, só se pode compreender o humano histórico-ontológico enquanto ser social. É nesta experiência intercorpórea que o mundo sensível tem o seu significado, tanto o mundo sensível natural quanto o artificialmente produzido pelos homens e mulheres: "[...] uma consciência não saberá encontrar nas coisas senão o que nelas pôs" (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 233).

Esse método de pesquisa favoreceu a liberdade na análise de se mover por diversos caminhos do conhecimento, possibilitando assumir várias posições no decorrer do percurso, não obrigando atribuir uma resposta única e universal a respeito do objeto. Neste sentido, a metodologia envolve entrevistas com pessoas que tiveram experiências ligadas diretamente com o problema pesquisado.

Ao longo da construção da pesquisa, ressaltam-se as referências sobre o papel das mulheres nos espaços sociais e a transformação de seus saberes e fazeres, sob algumas características que serão apresentadas neste trabalho, constatando-se que isso não demonstra previsões futuras, já que as possibilidades de análise são inúmeras, quando se trata da expressão sociocultural de uma sociedade.

Os procedimentos de coleta dos dados citados foram através da pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem quantitativa e qualitativa, com o intuito de relacionar os dados para a interpretação. Neste mesmo sentido, Gil (2008, p. 44) explica que os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são: investigações sobre ideologias ou pesquisas que se propõem à análise das diversas posições sobre um problema.

Os dados analisados foram transformados em textos, para melhor visualização e compreensão dos resultados. Assim, os dados foram cruzados e interpretados tanto em quantidade como em qualidade, para se constatar o papel das mulheres nas organizações e a transformação de seus saberes e fazeres.

CAPÍTULO 1

TERRITÓRIO, COMUNIDADES TRADICIONAIS E MULHERES: RELAÇÃO COM AS CATEGORIAS DA PESQUISA

Este capítulo se destina a apresentar discussões sobre território, comunidades tradicionais e a mulher ocupando esses espaços.

A pesquisa tem a finalidade de esclarecer para o próprio pesquisador e para o leitor do trabalho, a problematização, ou seja, questões e pontos do tema foram discutidos e avaliados, observando quais as consequências da igualdade de condições de poder social das mulheres para o desenvolvimento das atividades no meio rural da comunidade Agrovila das Palmeiras.

1.1 Conceituações e compreensões sobre o território e comunidades tradicionais

As pessoas ocupam diversos lugares e ocupam esses lugares de maneira diferente, seja nos espaços urbanos, ou nos espaços rurais. Essas organizações ocorrem principalmente conforme as características culturais das pessoas, seu modo de vida, seus costumes e suas tradições.

O território onde vivemos é o local onde passamos a nos identificar e demonstrar o quanto esses espaços são importantes para nós. É a formação de nossa história, pois é onde a vida acontece e nos tornamos protagonistas desse enredo que frequentamos no dia a dia. Convivemos com pessoas diferentes e essa convivência reforça nossa ligação com o ambiente com o qual passamos a nos identificar e demonstrar a importância de detalhes e significados para nós.

Essa ligação com o lugar é notada quando deixamos nosso lugar de origem e migramos para outro. Carregamos conosco hábitos e continuidades das práticas de nossas vivências da região de origem, como bem se pode compreender mediante as ponderações de Santos (2002), quando assegura que o território não está concebido como algo dinâmico, vivo, um espaço histórico-social, e sim como um quadro negro sobre o qual a sociedade reescreve sua história.

Relevante assinalar que as discussões sobre o significado de território aparecem em vários momentos e a partir de uma análise desses momentos verifica-se a concepção de território como espaço físico, concreto e mensurável; como o

espaço da interação entre a sociedade, natureza e o espaço do Estado-nação. Porém, Haesbaert (2002, p. 118) alega que à primeira vista, vê-se que os conceitos de território, edificados sob os pressupostos da Geografia Tradicional, apresentam o território num sentido físico, material, como algo inerente ao próprio homem, quase como se ele fosse uma continuidade do seu ser, como se o homem tivesse uma raiz na terra – o que seria justificado, sobretudo, pela necessidade do território de seus recursos, para a sua sobrevivência biológica como cita Ferrão:

Os sistemas de ordenamento do território refletem, inevitavelmente, as condições políticas, institucionais e sociais prevalentes ao longo dos tempos nos países em que se desenvolveram. Assim sendo, a diversidade existente de sistemas de ordenamento de território deve ser entendida à luz dos contextos particulares – nacionais e, por vezes, regionais – em que foram concebidos e aplicados (FERRÃO, 2011, p. 34).

Em outra abordagem se pode relacionar a existente entre o território, a identidade e globalização como contraponto, e recorrendo ao patrimônio teórico da geografia, defende-se uma visão relacional baseada no conceito em que o território é considerado como um componente essencial, mas não exclusivo, dos processos de construção social da cidadania num mundo crescentemente marcado pela articulação, tantas vezes contraditória, entre identidades exclusivas e identidades universalistas, ou em uma abordagem mais abrangente, integrada e estratégia de ordenamento do território.

Dessa forma podemos basear os conceitos de território na interação e cooperação entre os diversos autores envolvidos (planejamento participativo, colaborativo e deliberativo) e na coordenação de diferentes políticas de base territorial e setoriais (governança territorial) em torno de uma agenda territorial comum e estratégica. Pois as discussões sobre o significado de território aparecem em vários momentos a partir de uma análise desses momentos, verifica-se a concepção de território como espaço físico, concreto e mensurável, como o espaço da interação entre a sociedade natureza e o espaço do Estado-nação.

Fernandes (2008, p. 3) complementa que “a formação de territórios é sempre um processo de fragmentação do espaço”. E, a definição de ‘território’ por órgãos governamentais e agências multilaterais “não consideram as conflitualidades dos diferentes tipos de territórios contidos ‘território’ de um determinado projeto de desenvolvimento territorial” (FERNANDES, 2008, p. 4).

Compreende-se que a diversidade dos elementos que compõem a paisagem do território camponês é caracterizada pela grande presença de pessoas no território. Quando se pensa sobre o mundo rural e urbano, um bairro ou mesmo um país, se constroem os espaços com o imaginário.

Diante de todo esse contexto, Cunha e Almeida (2011) trazem que o território tem uma ocupação e revela intencionalidades, não havendo territórios neutros. Segue afirmando que ao se ocupar dos lugares, faz-se escolhas que preenchem os espaços e os transformam em territórios. Nesse olhar, percebe-se que existe uma relação entre espaço, lugar e território. Contudo, sobre o olhar de diversos autores se constata que o movimento da vida acontece na comunidade Agrovila das Palmeiras de maneira que as pessoas se inter-relacionam, garantindo, assim, um espaço vivo e em constante transformação.

O espaço se transforma em lugar quando os sujeitos que nele transitam lhe atribuem significados. O lugar se torna território quando se explicitam os valores e dispositivos de poder de quem atribui os significados (CUNHA, 2009, p. 185).

Medeiros (2004) salienta que o acesso à terra conquistado por meio dos assentamentos é apenas o momento fundante. A criação de assentamentos com a obtenção de *status* de produtor rural *assentado* trouxera outras reivindicações, como, por exemplo, do crédito rural, melhorias no sistema viário, energia elétrica, saúde, escola.

O autor segue dizendo que esses processos de assentamentos trouxeram também inserções sociais, projetos de vida, concepções de legitimidade, legitimação dos grupos que muitas vezes são denominados como comunidades tradicionais, por exemplo, territórios rurais que são quilombolas, territórios rurais que são próprios do campo e de assentamentos (MEDEIROS, 2004).

Nesse desfecho, as comunidades tradicionais são caracterizadas pela dependência dos recursos naturais com os quais constroem o seu modo de viver. Representam importante patrimônio histórico/cultural e imaterial, caracterizado pelo modo simples de viver, com equilíbrio na relação homem/natureza. Utilizam conhecimentos adquiridos através do tempo, e transmitem práticas para as novas gerações. O processo de desapropriação, no entanto, fez com que muitos jovens

perdessem o encanto pela permanência em seu local de origem, após se relacionarem com outros povos (GRZEBIELUKA, 2012).

Assim, diante das dificuldades enfrentadas pelos jovens para permanecer no campo, como a falta de autonomia nos trabalhos da propriedade, a ausência de renda pelos serviços prestados à família, a invisibilidade e a não valorização do trabalho, o êxodo rural ganha a cada dia, espaços nas estatísticas da história, como adverte Santos que:

É bom lembrar que no final da Segunda Guerra Mundial a maior parte da população brasileira ocupava os seus territórios tradicionais e era, por isso, chamada de população rural. Nesses territórios, reproduziam os seus saberes tradicionais através das mais diversas oficinas, sempre coordenadas por mestras e mestres de ofício. Por conta disso, quase tudo que se precisava para bem viver era feito e refeito no próprio território. Como tínhamos nesse período cerca de dois terços das pessoas morando no campo e um terço ou menos morando nas pequenas cidades, podemos afirmar, com segurança, que o que se produzia em cada território tradicional abastecia as suas populações e o excedente era suficiente para abastecer as pequenas cidades. Além disso, o abastecimento era feito através dos transportes de tração animal. Isso significa dizer que toda essa produção e o seu transporte eram desenvolvidos através dos saberes e ofícios tradicionais (SANTOS, 2012, p. 52).

Nesta comunidade em estudo, o coletivo mais notado é o uso de máquinas e implementos agrícolas, ligados à Cooperativa e das associações de que participam. Em geral, essa comunidade exercia atividades extrativas, tais como: caça, pesca, coleta e plantios coletivos, sendo as terras de uso comum e tudo o que delas é possível extrair revertia-se à comunidade. Realizavam o apascento em comum do gado, o suprimento de lenhas, a extração de madeiras, a agricultura, o uso coletivo de água e variados produtos naturais. “Havia entrelaçamento comunitário, com o uso da escola como espaços de reuniões, espaços culturais, espaços de uso comum”, conforme esclarece Teixeira (2022), líder comunitário.

Uma característica é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. Esse saber-fazer tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação.

O Decreto nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) em todo o território nacional, em seu artigo 3º, define Povos e Comunidades Tradicionais como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam

territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Para Santilli (2021) no conceito de comunidades tradicionais estão inclusas não apenas as comunidades indígenas, mas outras populações que vivem em estreita relação com o ambiente natural, dependendo dos recursos naturais para a sua reprodução sociocultural, com baixo impacto ambiental. A Convenção sobre a diversidade Biológica tem utilizado,

[...] as expressões ‘comunidades locais e populações indígenas com estilos de vida tradicionais’, não há consenso quanto à abrangência das expressões ‘comunidades locais’, ‘populações tradicionais’, ‘povos agrícolas locais’, ‘povos dos ecossistemas’, ‘populações das florestas’, entre outros. Tal polissemia e indeterminação de abrangência dos termos se dá, justamente, pela pluralidade de situações e características culturais e ecossistêmicas entre os diferentes povos e, também, pelas diferentes formas de estudar e compreender estes povos por parte da ciência ocidental e pelos diferentes significados dessas expressões nas diversas línguas em que são realizadas as pesquisas e formulados textos normativos. (BERGER FILHO; SPAREMBERGER, 2008, p. 10).

Entende-se por “sociedades tradicionais” os grupos humanos culturalmente diferenciados, com seu modo de vida isolado, com base em cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, com características de tradição no manejo sustentado do meio ambiente. Incluem tanto os povos indígenas quanto segmentos da população com modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos. São exemplos de “sociedades tradicionais” ou “populações tradicionais”: as comunidades caiçaras, os sítiantes e roceiros tradicionais, comunidades quilombolas, comunidades ribeirinhas, os pescadores artesanais, os grupos extrativistas, caipiras, babaçueiros, jangadeiros, pantaneiros, pastoreio, praireiros, varjeiros, açorianos, sertanejos/vaqueiros e indígenas (DIEGUES *et al.*, 2000).

O conhecimento tradicional pode ser definido como um conjunto de práticas, crenças, conhecimentos e costumes que são passados de geração a geração, em comunidades tradicionais com contato direto com a natureza. “Trata-se do patrimônio comum de um grupo social, com caráter difuso, já que não pertence a apenas um indivíduo, mas a toda a comunidade”. (BRUNO; MATTOS, 2021, p. 1003).

Quanto aos conhecimentos tradicionais, a Constituição Federal, em seu artigo 216, esclarece que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto. Portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, prazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 21).

Contudo, só fazem parte integrante da cultura, as informações que tenham sido de alguma ou outra forma arquivada, conservadas e/ou transmitidas, com capacidade de contribuir para o estabelecimento da memória social ou coletiva, ou também chamado patrimônio cultural imaterial (BERTOLDI, 2016).

Nesse processo, é importante valorizar e proteger os bens culturais, sensibilizando a sociedade detentora desse patrimônio. Vale destacar que tão importantes para a geração futura, os patrimônios culturais marcam a história e, a fim de manterem essa memória, devem ser preservados.

1.2 Mulheres nos espaços sociais e mulheres no campo

Na maior parte do mundo, grandes mudanças vêm sendo observadas diante dos afazeres femininos, quebrando paradigmas, onde os papéis de chefe de família vêm se invertendo paulatinamente, ou seja, as mulheres assumem em muitos lugares espaços sociais antes pensados apenas para serem desenvolvidos por homens. Essa situação é observada em todo o mundo. Atualmente, as mulheres estão engajadas na política, na saúde, na educação, na segurança, nas empresas, nas cooperativas, nas associações. Elas têm buscado escolarização e têm assumido funções importantes dentro da sociedade brasileira (Figura 03).

Figura 03. Grupo de mulheres da comunidade Agrovila das Palmeiras em curso de qualificação pelo SENAR-MT



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Também vem crescendo o trabalho feminino na agricultura brasileira, e deste modo surge nosso interesse em conhecer e divulgar a importância da contribuição dessas mulheres e as suas condições de poder decisório em território da cidadania cuiabana. Mais adiante, vamos abordar especificamente as forças do trabalho feminino do assentamento Agrovila das Palmeiras, município de Santo Antônio do Leverger-MT.

É importante ressaltar que essas transformações não ocorreram do dia para a noite, mas é resultado de lutas de coletivos de mulheres, com fortalecimento a partir do reconhecimento do dia da mulher, 8 de março, em memória à luta de mulheres em uma fábrica americana.

Fatos históricos trazem que no dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada na cidade norte-americana de Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como, redução na carga diária de trabalho para dez horas, equiparação de salários com os homens e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho. Essa mobilização política, ao longo do século XX, deu importância para o 8 de março como um momento de reflexão e de luta. A construção dessa data está relacionada a uma sucessão de acontecimentos graças à onda de protestos contra a fome no mundo e à

Primeira Guerra Mundial que tomou conta da Rússia em 1917, levando à revolução Russa (GONZÁLEZ, 2010).

Fazendo uma linha do tempo sobre a luta das mulheres pelo direito de estar onde elas quisessem, observa-se que o dia 8 de março acabou prevalecendo devido aos acontecimentos desumanos que vinham ocorrendo no mundo nesse período. Esse dia se tornou relevante e mostra problemas que não foram resolvidos até hoje, e a desigualdade de gênero permanece. No mundo inteiro a data é comemorada, mas infelizmente ganhou um aspecto comercial, se esquecendo que esse dia deveria ser lembrado pela sua importância histórica de luta e com muitos problemas ainda pendentes para serem resolvidos.

Nesse mesmo aspecto temos também o dia 30 de abril que costuma passar despercebido pela maioria das pessoas, porém a data tem um significado especial. O dia foi instituído pela Lei nº 6.781, de 1980, como o Dia Nacional da Mulher.

A lei foi sancionada pelo presidente da época, João Batista Figueiredo, e a data foi escolhida em homenagem ao nascimento da mineira Jerônima Mesquita, em 30 de abril de 1880. Ela foi uma líder no movimento feminista no Brasil, à frente na luta pelos direitos da mulher. O interesse em instituir essa data surgiu no momento em que o governo brasileiro queria fugir da relação com datas internacionais e pensar de forma mais 'nacionalista', conforme o momento político que o Brasil estava vivendo.

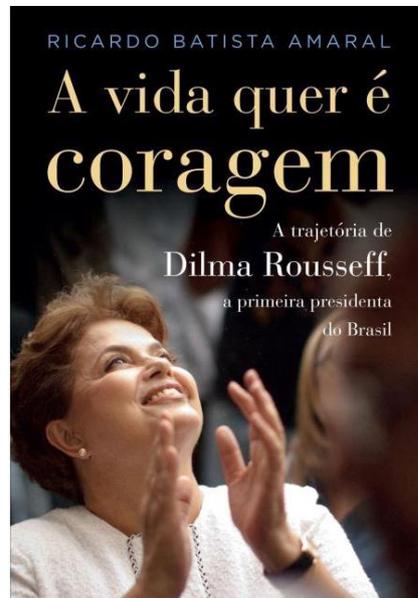
Os movimentos de mulheres do campo mostram que um dos caminhos para as alterações da estrutura social está na organização coletiva que consegue promover mudanças nas conjunturas macros (políticas) e micro (locais, nas comunidades) quando alcançam as legislações, por exemplo (PEREIRA, 2018, p. 99). E assim, no mundo, o movimento feminista surgiu como uma forma de reivindicar o acesso à educação e muitos outros direitos básicos.

É um marco histórico já que a construção política econômica do Brasil foi pensada a partir de grupos dominantes, e em sua maioria, comandados por homens brancos, burgueses. O rompimento com essa hegemonia machista e patriarcal acontece também com a chegada de uma presidenta mulher à frente do país (PEREIRA, 2018, p. 99).

A celebração do Dia Nacional da Mulher no Brasil deveria marcar a história da luta das mulheres para sensibilizar a sociedade por igualdade de direitos entre homens e mulheres no mundo, porém infelizmente o papel do machismo manchou a história brasileira no processo contra nossa primeira mulher a ocupar o mais alto cargo

no espaço social do país. Dilma Rousseff sinalizou o preconceito de gênero contra ela e toda a população feminina brasileira. Em persistentes acusações, Dilma desabafou, "tem sempre um componente de misoginia e de preconceito contra as mulheres nas ações que ocorreram contra mim", disse a ex-presidente Dilma Rousseff durante a sessão de julgamento de seu *impeachment* no Senado em 29 de agosto de 2016. Dilma ressaltou também que "A questão da prostituta tem comentários de baixo calão, [...], eu também comento a questão daquele adesivo colocado na bomba de gasolina. Com isso, está se construindo a imagem de uma mulher que não merece respeito na sociedade", afirma. Apesar de todos os esforços para tornarem Dilma Rousseff em uma pessoa ínfima, ela suportou as dificuldades com maestria, demonstrando a força da mulher brasileira e saiu de "cabeça erguida" de todo o processo que culminou no seu *impeachment* pelo Senado, no dia 31 de agosto de 2016 (Figura 4).

Figura 04. Livro: A Vida Quer é Coragem - a Trajetória de Dilma Rousseff - a Primeira Presidenta do Brasil. Produto Novo. A trajetória pessoal da presidenta Dilma Rousseff e a história do Brasil moderno se entrelaçam num grande depoimento de coragem.



Fonte: Batista, 2011.

Conforme a professora Giorgia Cavicchioli, a sociedade brasileira tem a "mulher ideal" como aquela que fica restrita ao ambiente doméstico. Sendo assim, quando a mulher "ousa" não se conformar com esse papel, ela não é considerada digna de respeito. A situação vai "reiterar esse imaginário de que essa mulher não deveria estar

ali”, constatando muitos problemas pendentes nesse universo misógino (CAVICCHIOLI, 2020, p. 03).

É possível afirmar que as questões de gênero vêm tomando força nas últimas décadas em todos os campos, inclusive nos cenários rurais e, as discussões de gênero vêm ganhando destaques nesses espaços. Há lutas de diferentes coletivos de mulheres, como mulheres negras, indígenas e mulheres do campo, dos assentamentos do Movimento Sem-Terra, LGBTQIA+ e de muitas outras nas quais a produção da relação gênero e ruralidade necessariamente demandam um enfoque interseccional.

No entanto, é preciso também afirmar que, de modo geral, a mulher, mesmo com grandes desafios, tem ocupado lugares e papéis sociais em vários setores da sociedade, mas a luta permanece, pois há um constante desafio no combate ao desrespeito e à crescente violência que insiste em permanecer.

1.3 Constituição do território, mulheres da comunidade de Agrovila das Palmeiras

Trazemos algumas categorias importantes para a pesquisa a partir da observação das diversidades epistemológicas do território. Utilizamos metaforicamente as Epistemologias do Sul como um campo de desafios epistêmico, que procura reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo nas suas relações coloniais com o mundo.

A epistemologia ocidental dominante foi construída na base das necessidades de dominação colonial e assenta na ideia de um pensamento abissal. Este pensamento opera pela definição unilateral de linhas que dividem as experiências, os saberes e os atores sociais entre os que são úteis inteligíveis e visíveis (os que ficam do lado de cá da linha) e os que são inúteis ou perigosos, ininteligíveis, objetos de supressão ou esquecimento (os que ficam do lado de lá da linha). (GOMES, 2012, p. 43).

Nesse sentido, as Epistemologias do Sul se propõem à tarefa de responder aos seguintes questionamentos: por que razão, nos dois últimos séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento? Quais foram as consequências de uma tal descontextualização? São, hoje, possíveis outras epistemologias? (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7). Pois esse pensamento surge como uma proposta

epistemológica subalterna, insurgente, resistente, alternativa contra um projeto de dominação capitalista, colonialista e patriarcal, que continua a ser hoje um paradigma hegemônico.

O posicionamento em favor de uma política de negociação da diferença cultural (MACEDO, 2006) e da tolerância social exige conhecimento crítico a respeito da história do Brasil, repensar nossa forma de enxergar a globalização, as cidades e o lugar é algo evidente neste momento, pois o espaço está em constante mudanças como cita Santos (2011), não é algo estático e neutro, uma entidade gélida e imóvel, mas é algo interligado com o tempo e, assim, sempre mudando. Os meios de comunicação possuem um papel dos mais importantes na vida cotidiana dos cidadãos, especialmente, no que se refere à percepção e à construção de novos sentidos de espaço e tempo. “Uma relação permanente instável, onde globalização e localização são termos de uma dialética que se refaz com frequência” (SANTOS, 2011, p. 314).

Esse fato “impõe novas questões à Geografia e a sua maneira de conhecer e produzir explicações sobre o mundo” (GUIMARÃES, 2007, p. 58). A psicosfera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas – tecnosfera e psicosfera – são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas (SANTOS, 2017, p. 172). Dessa forma, a quebra do vínculo de territorialidade entre um povo e o território que este ocupa, movimentar-se nessas fronteiras, criar linhas de fuga, ressignifica o existente e o instituído, como se pode observar na citação seguinte.

[...] em plena ‘era do espaço’, temos também a era da ‘desterritorialização’, neste caso significando, de forma mais ampla, ‘desespacialização’. Dominados pelo espaço sem tempo, ou, na perspectiva inversa, pelo tempo sem espaço, perdemos o ‘verdadeiro’ espaço, que é o espaço densificado pela história, aberto às novas possibilidades do futuro. (HAESBAERT, 2004, p. 155-156).

Estamos em um mundo que chamamos de mundo audiovisual, repetimos efetivamente a situação das pessoas aprisionadas ou atadas na caverna de Platão, olhando em frente, vendo sombras e acreditando que essas sombras são realidades (SARAMAGO, 2020).

Contudo, os lugares existem na dimensão da vida em sociedade, mas o problema enfrentado no cotidiano muitas vezes causa dicotomia no bem viver das pessoas, gerando conflitos ou um ambiente desigual, como se pode observar na música “Fotografia 3x4” de autoria de Belchior:

Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei
 Jovem que desce do Norte pra cidade grande
 Os pés cansados e feridos de andar légua tirana
 E lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
 E de ver o verde da cana
 Em cada esquina que eu passava, um guarda me parava
 Pedia os meus documentos e depois sorria
 Examinando o três-por-quatro da fotografia
 E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha
 Pois o que pesa no Norte, pela lei da gravidade
 Disso Newton já sabia, cai no sul grande cidade
 São Paulo violento, corre o rio que me engana
 Copacabana, Zona Norte
 E os cabarés da Lapa onde eu morei
 Mesmo vivendo assim, não me esqueci de amar
 Que o homem é pra mulher e o coração pra gente dar
 Mas a mulher, a mulher que eu amei
 Não pode me seguir, não
 Desses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi bem
 Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte e vai viver na rua
 A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
 E pela dor eu descobri o poder da alegria
 E a certeza de que tenho coisas novas
 Coisas novas pra dizer
 A minha história é, talvez
 É talvez igual a tua, jovem que desceu do Norte, que no Sul viveu na rua
 E que ficou desnortado, como é comum no seu tempo
 E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
 E que ficou apaixonado e violento como, como você
 A minha história é, talvez
 É talvez igual a tua, jovem que desceu do Norte, que no Sul viveu na rua
 E que ficou desnortado, como é comum no seu tempo
 E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
 E que ficou apaixonado e violento como, como você
 Eu sou como você
 Eu sou como você
 Eu sou como você que me ouve agora
 Eu sou como você
 Eu sou como você (BELCHIOR, 1976).

A globalização desencadeou profundas transformações no mundo do trabalho e na vida econômica das pessoas, modificando seu modo de vida e provocando rupturas.

[...] valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes. (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Os territórios usados são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, cada vez mais ações informadas, ações normatizadas (SANTOS, 2005, p. 138).

Neste contexto, o território será compreendido como fruto da valorização simbólica de um grupo, uma comunidade (HAESBAERT, 2012). Que o binômio materialismo-idealismo, desdobrado em função de duas outras perspectivas: I. a visão que denominamos 'parcial' de território, ao enfatizar uma dimensão (seja a 'natural', a econômica, a política ou a cultural); II. a perspectiva 'integradora' de território, na resposta a problemáticas que 'condensadas' através do espaço, envolvem conjuntamente todas aquelas esferas (HAESBAERT, 2007, p. 41).

Isto permite que os grupos populacionais e os trabalhadores criem as relações sociais comunitárias como percebemos na comunidade Agrovila das Palmeiras, onde as pessoas exercem grande poder sobre o território no cotidiano, fortalecendo as relações de vizinhança e de coexistência entre os diferentes indivíduos e grupos sociais, construindo processos de apoio social por meio de pessoas que realizam práticas populares (raizeiros, parteiras, benzedeiros, curandeiros, entre outros). Desse modo, os saberes populares locais, fortalecem laços e vínculos entre as pessoas do território que buscam enfrentar os problemas e suprir as necessidades do lugar.

Assim, o espaço pode ser entendido como o lugar onde as coisas acontecem, interligado com o tempo, apresentando mudanças. As relações ocorridas nesse espaço é o que nos permite "fugir de transformar a geografia mundial em uma narrativa histórica" (MASSEY, 2008, p. 65).

O espaço tem um potencial político, e ao passar pelos antigos significados e associações a ele inerentes, Massey (2008) propõe a interpretação do espaço como uma produção aberta e múltipla.

Para Santos (1979, p. 10), "o espaço é fundamentalmente social e histórico, evolui no quadro diferenciado das sociedades e em relação com as forças externas,

de onde mais frequentemente lhes provém os impulsos". No que concordamos com o autor. Santos (1979, p. 14) avança na discussão e continua dizendo que,

[...] todos os processos que juntos formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são históricos e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social.

Essa formação social é notada no vilarejo Agrovila das Palmeiras, quando as mulheres dessa comunidade começam a ocupar os espaços que antes eram exclusivamente ocupados por homens.

O modo de produção tem sido determinante na produção do espaço, pois embora "o espaço não seja uma simples tela de fundo, inerte e neutro, [as suas] "formas-conteúdo são subordinadas e até determinadas pelo modo de produção" (SANTOS, 1979, p. 16).

Nesse contexto, observa-se a luta pela existência e bem viver de muitas comunidades, apresentando o significado semelhante àqueles pontos máximos decisivos das lutas dos povos que designamos aqui de batalhas. No território de Santo Antônio do Leverger, essas lutas são travadas constantemente por indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

A comunidade de Sangradouro, agora, vem lutando pelo reconhecimento de seu povo como descendente de quilombolas. Nas áreas afastadas de transição entre o cerrado e o pantanal, formaram-se as comunidades quilombolas de Sangradouro, que insistem e persistem ainda hoje em manter suas tradições (Figura 5).

Figura 05. Área de fazendeiros proibindo o acesso da população



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Ouvimos as narrativas dos quilombolas deste povoado, os quais destacaram sobre o enfrentamento aos novos desafios atinentes ao avanço da expansão da criação de gado e do desmatamento ilegal e da mineração sobre as terras das comunidades, limitando o uso dos recursos naturais (Figura 06).

Figura 06. Reunião de moradores da Comunidade Sangradouro



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Os recursos naturais são a maior riqueza dentro de uma comunidade, pois é muitas vezes dali que tiram seu sustento e de toda sua família. O apego aos pais, animais e ao local onde vivem é notado nitidamente nas prosas com os moradores de Sangradouro. Então, a perda dos rios e limitações dos espaços de ir e vir desse povo leva à extinção desse povoado (Figura 7).

Figura 07. Ponte sobre o Rio Seco. Acesso à comunidade Sangradouro



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

A comunidade perdeu sua identidade, houve aumento do êxodo rural da juventude, perdeu seus patrimônios materiais e imateriais, vem resistindo como pode e as marcas desse processo histórico são visíveis nos rios secos, cemitérios que se transformaram em pastagens e no olhar cansado da população (Figura 08).

Figura 08. Matriarcal, representantes da comunidade Sangradouro



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

A relação da comunidade Sangradouro com seus saberes e afazeres é percebido por feiras, realizado nos quintais, e é agora que se percebe seus *saberes* e *fazeres* como bem maior e como a comunidade vem dando significado a esse lugar. A realização da feira mostra como o conhecimento sobre sua cultura foi adquirido e como ele é repassado para as novas gerações. Demonstra também a forma de manejo de seus saberes, quais os elementos que formam sua identidade e identifica como a sua produção de fartura está inserido nesse contexto (Figura 09).

Figura 09. Feira Cultural na comunidade Sangradouro. Banca com melado, rapaduras, garrafadas e plantas medicinais



Feira Cultural na comunidade Sangradouro

Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Os produtos expostos na feira, em princípio, não são concebidos para venda em escala, e sim para consumo da família e comércio local. Para Costa (2019, p. 130), a produção de alimento voltado primeiramente para o consumo nos remete à economia de fartura do camponês:

Economia essa que busca suprir suas necessidades alimentares e só o que 'sobrar' que vai para o mercado. Estes ideais não são apenas para doces e queijos, mas tendem a serem praticados em outros processos produtivos. Ao visitar uma propriedade observamos o quintal cheio de árvores frutíferas, galinhas e porcos (COSTA, 2019, p. 130).

O autor esclarece que nos trabalhos empíricos, a economia de fartura é relacionada com a variedade de alimentos na mesa dos camponeses, para ele a economia de subsistência não é o termo adequado ao falar da produção dos camponeses do cerrado (COSTA, 2019).

No entanto, a perda da cultura material e imaterial, falta de políticas públicas, assistências básicas aos cidadãos, fazem com que o povoado seja vítima de assédios de fazendeiros, interferindo em suas dinâmicas, modificando a vida e as relações dessas comunidades como a de Sangradouro na relação de seus saberes e afazeres (Figura 10).

Figura 10. Feira cultural na comunidade Sangradouro



Feira cultural exposição da produção local e atendimento básico aos moradores

Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Nessa abordagem de compreensão, é possível afirmar que o lugar é o nosso maior patrimônio, pois “o espaço vivido é o local cotidiano onde estabelecemos nossas relações humanas, onde criamos os laços afetivos, emocionais, sociais, onde surgem os significados”, como bem expressa Frémont (1976, p. 242). Assim, a relação entre identidade e lugar está articulada ao espaço vivido e essa articulação é geográfica. A gente pode até não estar mais vivendo no nosso lugar de origem, mas a identidade está presente em nós, onde quer que estejamos, em nosso modo de falar, vestir, comer, entre outras relações do cotidiano.

Em suma, observando as diversidades epistemológicas do território, do lugar e da região por Epistemologias do Sul metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procura reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo nas suas relações coloniais com o mundo, pode-se dar significações ao espaço observado, remetendo-o ao caráter temporal na delimitação dos espaços vividos.

Estes espaços se encontram em constante movimento, nos quais aqui e ali, lá e acolá, observam-se lutas de resistências e a docilidade do bem-viver, e que essa vivência exista como poesia no movimento daqueles que ali vivem, no olhar das pessoas, no canto dos pássaros e na comunhão entre os povos, pois ali prevalece o poeta, uma vez que a poesia é um lugar onde a gente ainda pode fazer com que um absurdo seja uma sensatez, como dizia o poeta pantaneiro Manoel de Barros (BARROS, 2008).

1.4 A Mulher e as relações de poder do patriarcado

Discutir as relações de poder e resistência presentes na sociedade contemporânea, que insistem em demarcar a posição da mulher, por meio de enunciados que permanecem ancorados no imaginário social, implica, atualmente, a imposição de modelos normatizadores vigentes no imaginário social.

Patriarcado pode ser entendido como uma instituição social que se caracteriza pela dominação masculina nas sociedades contemporâneas em várias instituições, sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiar. É uma forma de valorização do poder dos homens sobre as mulheres que repousa mais nas diferenças culturais presentes nas ideias e práticas que lhe conferem valor e significado que nas diferenças biológicas entre homens e mulheres. (MILLET, 1969, p. 58).

Patriarcado vem da combinação das palavras gregas *pater*, que significa pai, e *arkhe*, que significa origem ou comando (NICOLODI, 2021). Esse termo vem sendo usado atualmente para se referir à dominação masculina e ao poder dos homens sobre as mulheres.

Embora seu uso possua diversas concepções, é comum a todos o entendimento de que o patriarcado é uma instituição social dominada por homens que mantêm as mulheres à margem da sociedade e submissas ao poder masculino em diversas esferas, sejam políticas, sociais ou econômicas. Conclui-se que embora as diversas formas de dominação patriarcal e suas instituições tenham se transformado com o passar dos anos, a dominação masculina continua presente e seria, de certa forma, “um fenômeno mais geral que o patriarcado” (BIROLI; MIGUEL, 2014, p. 19).

O patriarcado adoece a sociedade, hoje estamos vivendo uma masculinidade tóxica em que os discursos de dominação têm sempre a figura das armas, da violência e que o mundo pertence aos homens. Vivemos em uma sociedade machista, na qual os machistas são frutos da nossa sociedade e, ainda hoje, é no ambiente familiar que a violência se apresenta da forma mais persistente, atingindo a subjetividade feminina (GUIMARÃES; PEDROSA, 2017).

A violência pode se manifestar de diversas formas, como a violência física, psicológica, emocional, sexual, moral, patrimonial, etc., que podem ocorrer no âmbito da família, das relações de amizade, afeto e comunitárias, nas instituições e no ambiente do trabalho, a gerarem uma série de impactos e consequências, entre elas afeta a saúde (física e psicológica), prejudica a mulher nos diversos espaços sociais

de atuação, impacta nas dinâmicas familiares, comunitárias, produzindo impactos socioeconômicos para as mulheres, e ainda reforça assimetrias nas relações de gênero (DONATO, 2016).

CAPÍTULO 2

DESDOBRAMENTOS FUNDIÁRIOS DA FRONTEIRA MATO-GROSSENSE: O TERRITÓRIO DE SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER

Este capítulo tem a intenção de apresentar o município de Santo Antônio do Leverger, no seu aspecto fundiário, econômico e, também, a Agrovila das Palmeiras.

2.1 O território de Santo Antônio do Leverger: aspectos geo-históricos e políticos

Grande parte das cidades brasileiras, atualmente é conhecida pela produção agrícola com sua dinâmica urbana atrelada diretamente a uma visão reduzida do agrícola. Nessa lógica da produção agrícola, Mato Grosso é conhecido como a capital do agronegócio brasileiro e o celeiro do mundo. Porém, não podemos esquecer que em tamanho atributo de celeiro do mundo, encontramos, entre algumas regiões do Estado, um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, muito além do esperado. Mato Grosso passa por momento de rápida inserção do território amazônico às estratégias do capital, e passa a ser considerado como “portal” da Amazônia, visto como uma etapa territorial de ocupação e integração econômica para o Centro-Oeste e Norte brasileiro (MORENO, 2007).

Poderosos empresários se transformaram em latifundiários por meio de generosos incentivos fiscais, da cessão ou venda de terras a custos irrisórios, ou imersos nos mais variados mecanismos de burla, corrupção e grilagem (OLIVEIRA, 1997; MORENO, 2007). Assim, tal generosidade, atrelada à realização da produção da fronteira do capital pela privatização das terras, são indagadas sob o comando de latifundiários por meio da transformação de terras devolutas, sob a jurisdição do Estado, em propriedades privadas capitalistas nas mãos de grandes empresários e empresas.

É justamente devido a essa expansão própria do capitalismo que Sérgio Martins (1999, p. 23) afirma que a fronteira referência a um “espaço submetido a uma contínua redefinição”, em que se sobrepõem relações aparentemente fragmentadas que seriam alteradas pela ação do Estado em função dos interesses em jogo – neste caso, a continuidade da acumulação capitalista. Vindo de uma legislação fundiária permissiva e participando ou sendo conivente aos mais variados mecanismos de

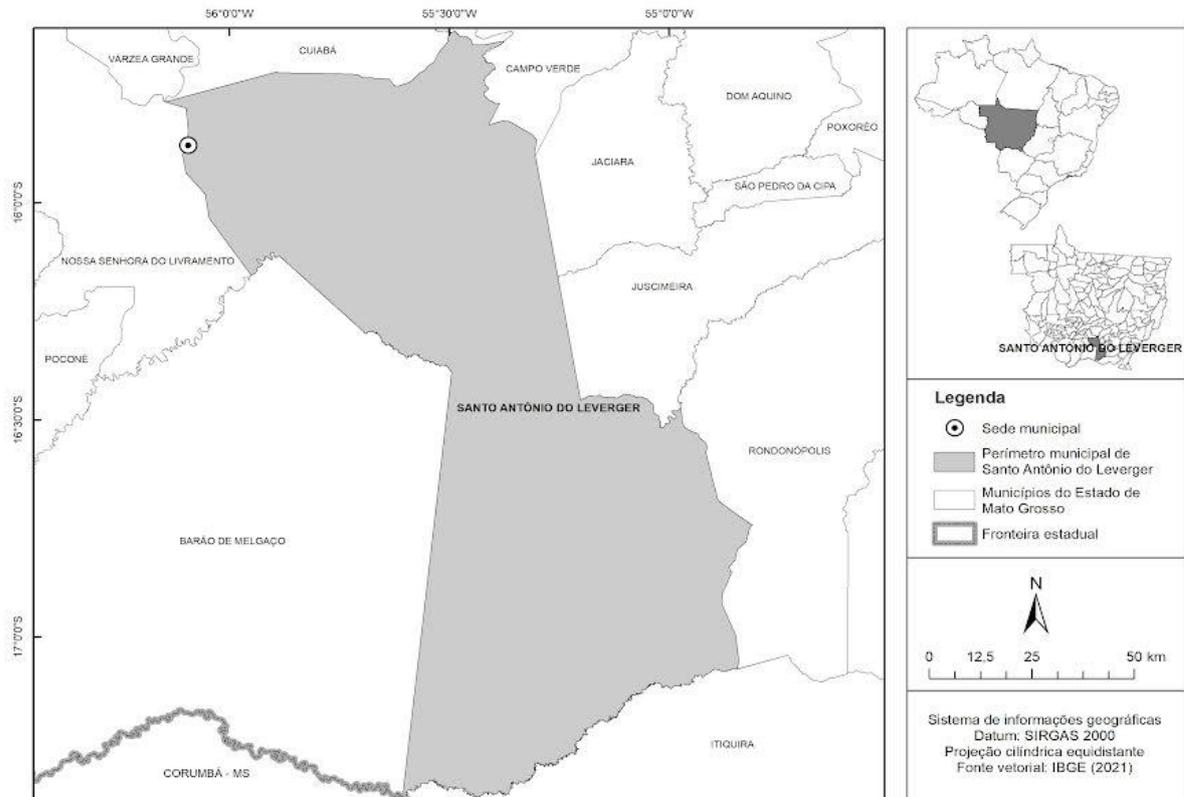
burla, corrupção e de grilagem (OLIVEIRA, 1997; MORENO, 2007), como detalha Moreno (2007), o processo de ocupação de terras em Mato Grosso teve a particularidade de privilegiar a monopolização da propriedade privada da terra, apresentando um complexo aparato jurídico e político que teve como uma de suas consequências o favorecimento de interesses dos setores hegemônicos econômicos e políticos.

Observa-se, em Santo Antônio, a constituição de uma cidade engendrada por meio da manutenção e reprodução de mecanismos de produção do capital, bem como de relações espaciais preenchidas pelo “poder do atraso” (MARTINS, 1999) que tanto caracteriza a sociedade brasileira (IBGE, 2017).

O Município de Santo Antônio do Leverger se estende por 11.753,6 km² e conforme a divisão regional vigente desde 2017, instituída pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município pertence às Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Cuiabá. Até então, com a vigência das divisões em microrregiões e mesorregiões, fazia parte da microrregião de Cuiabá, no que lhe concerne, estava incluída na mesorregião do Centro-Sul Mato-Grossense. O Território da Cidadania Baixada Cuiabana – MT está localizado na região Centro-Oeste e é composto por 14 municípios: Acorizal, Barão de Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande.

Santo Antônio do Leverger e os municípios que fazem fronteira podem ser visualizados no mapa (Figura 11).

Figura 11. Localização de Santo Antônio do Leverger no Mato Grosso e, em destaque, os municípios circunvizinhos



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano. Indo em outra perspectiva e com ênfase em Santo Antônio de Leverger o qual pode se destacar como um município com características peculiares aos demais do território do Vale do Rio Cuiabá, por haver nesta região povos com características culturais bem diversificadas, como: indígenas, ribeirinhos, quilombolas, comunidades tradicionais e assentamentos. Essa diversidade de povos demonstra o quanto este município é rico e importante na construção da história geográfica do Estado de Mato Grosso.

Dessa forma, pode-se compreender que o território possui vários níveis, oscilando desde o local até o global. Além disso, ele pode se expressar por relações naturais ou biológicas, culturais, políticas, sociais, econômicas, militares, entre outras. Outra importante característica desse território é o ecótono fronteiro de transição entre dois importantes biomas, o cerrado e o pantanal.

Nesse mesmo contexto, analisando o território da Cidadania Baixada Cuiabana–MT, que está localizado na região Centro-Oeste, composto por 14 municípios: Acorizal, Barão de Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande, e entre eles notamos algumas semelhanças em relação ao movimento nesses espaços vividos.

Conhecida internacionalmente como a cidade natal de Marechal Cândido Rondon, o município de Santo Antônio do Leverger sedia o Memorial Rondon, onde conta um pouco sobre a vida do militar. O memorial ilustrado na figura abaixo hoje é um grande patrimônio cultural e material para a comunidade de Mimoso (Figura 12).

Figura 12. Memorial Cândido Rondon, vista aérea na época da seca.



Fonte: Acervo Cardoso, 2022.

Atualmente o município, de maioria católica, porém com crescimento vertiginoso dos evangélicos, vive do turismo, da pesca e da agricultura de produção de fartura do lugar (SANTOS, 2017), sendo uma cidade hospedeira, pois muitos que ali residem, deixam seus idosos e vão morar na cidade e trabalhar na capital, Cuiabá.

Produção de fartura é termo utilizado para definir o cultivo para alimentação própria dos camponeses, visto que eles não buscam primeiramente o lucro com os seus cultivos e sim sua economia de fartura (variedade de alimentos), pois após prover os alimentos para a família e vizinhos, visto que nessas práticas sempre se espera a reciprocidade, e só então o restante dos cultivos vão para venda no mercado. Por isso falamos que não são especificamente capitalistas (SANTOS, 2017).

Fatos históricos descritos por Póvoas (2000), envolvendo a cana-de-açúcar, mostram o forte desempenho econômico, social e político destacando a indústria açucareira que movimentou o Estado de Mato Grosso no final das décadas do século XIX até meados do século XX. Com a fertilidade da terra, era comum encontrar plantações de cana-de-açúcar nas margens do Rio Cuiabá, pois após receberem os nutrientes necessários para o seu desenvolvimento provenientes de enchentes, essas áreas permaneciam propícias para esse tipo de cultivo. Dessa forma, os engenhos e usinas se proliferaram às margens do rio Cuiabá, graças à via fluvial, que pôde trazer as maquinarias modernas da Europa, e aos trabalhadores, primeiramente escravos, e que, mesmo após a abolição da escravatura, ainda continuaram a receber um tratamento escravista dos proprietários conhecidos como “coronéis” (SIQUEIRA *et al.*, 1989). Deste modo, essa era uma opção para muitos, que deixavam suas famílias em busca de uma renda para sua sobrevivência. Como nem sempre a quantidade plantada no canavial das usinas era suficiente para atender as demandas dos engenhos, muitas comunidades ribeirinhas fizeram do fornecimento da cana-de-açúcar para as usinas, parte do seu sustento.

Atualmente, a atividade econômica formal, presente na região, baseia-se no tripé: turismo, pesca e agropecuária; fora o rio Cuiabá e o Pantanal, o turismo atrai pelo carnaval de rua; a pesca divide-se em artesanal e predatória; a agricultura é de subsistência; a pecuária é de cria, recria, corte e leiteira. O que não assegura que as pessoas que residem na região tenham acesso direto aos empregos oferecidos nesse local, pois os mesmos não permanecem morando na comunidade após concluírem o ensino médio. Essa é a primeira de uma série de problemas que dizem respeito a uma formação educacional que priorize soluções nesse sentido.

Santo Antônio do Leverger se articula com as demais regiões do Estado por um sistema radial de rodovias como as BR-163, BR-364 e BR-070. Fazem ainda parte desta região de planejamento VI, outros municípios como Acorizal, Barão de Melgaço, Chapada dos Guimarães, Jangada, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra e Rosário Oeste. É nesse espaço que se concentra proporcionalmente a maior parcela da população do Estado, devido à presença do polo Cuiabá/Várzea Grande. Em 2007, o total de sua população era de aproximadamente 900 mil habitantes, representando cerca de 1/3 do total de habitantes de Mato Grosso. A área da região, de 80,83 mil km² corresponde a 9% do

território estadual, e apresenta a mais alta taxa de densidade demográfica do Estado, 11,19 hab/km² (IBGE, 2020).

O grau de urbanização da região em 2007, segundo o IBGE (2020), atingiu um percentual de 91,63%, sendo que, novamente, os municípios de Cuiabá e Várzea Grande ultrapassam os resultados modestos dos demais municípios, que, com as exceções de Poconé, Nova Brasilândia, Planalto da Serra e Nobres, apresentam baixo grau de urbanização. Dos treze municípios que compõem a região, seis deles apresentaram taxa de crescimento negativo no período 2000/2007, são eles: Acorizal, Barão de Melgaço, Nobres, Nova Brasilândia, Planalto da Serra e Rosário Oeste.

O setor econômico caracteriza-se como a maior e mais diversificada base econômica de Mato Grosso, com um PIB de R\$ 8,1 bilhões (IBGE, 2017), contribuindo com mais de 24% da riqueza produzida no Estado, entretanto, esta base econômica está fortemente concentrada no polo de Cuiabá/Várzea Grande, com quase 90% de toda produção; tendo o município de Várzea Grande contribuído com 30% da riqueza do polo.

Com presença marcante da indústria na baixada cuiabana, a região respondeu em 2015, por quase 35% da produção industrial mato-grossense. Cuiabá/Várzea Grande correspondem ao centro comercial e de serviços estaduais, representando mais de 33% neste setor. Destacam-se na mineração: Nobres, responsável, em 2005, por 58% da produção industrial do Estado advindo da exploração do calcário; Cuiabá e Poconé, pelo ouro, contribuindo com 61% da exploração do Estado, e ainda Chapada dos Guimarães, com água mineral responsável por 34,1% da exploração Estadual (IBGE, 2017).

Nas atividades primárias, verifica-se uma forte predominância da pecuária, de baixa agregação de valor, sendo pouco significativa a atividade agrícola dentro do contexto estadual, ao contrário de algumas regiões do Estado terem projeção nacional, este setor é responsável por apenas 4% do PIB agropecuário estadual. As terras são por vezes declivosas, e no geral não recomendadas para o uso agrícola, por apresentar predomínio de solos rasos e pedregosos, ocorrendo terras aptas para pastagens.

Assim, é comum a presença de bolsões de pequenos produtores e agricultura tradicional próximo aos centros urbanos. Em paralelo avança um processo de modernização, tanto por meio da capitalização de grandes e médios estabelecimentos, quanto pela integração localizada de pequenos e médios

produtores às estruturas agro-industriais, como se verifica com a avicultura. Quanto à avaliação da qualidade de vida da população, medida pelo ICQV (Índice de Condições e Qualidade de Vida), observa-se na região que as desigualdades intra-regionais, em termos econômicos e principalmente sociais, são elevadas.

Apenas Cuiabá apresenta alto índice de ICQV, seguida por Várzea Grande com um índice de ICQV médio-alto, já nos demais municípios esse índice é muito baixo. Fato constatado quando se analisam indicadores sociais como a renda do chefe de família, domicílios abastecidos com água encanada e taxa de analfabetos, por um lado, Cuiabá apresenta indicadores dos mais elevados do Estado; enquanto Nossa Senhora do Livramento detém os menores indicadores regionais.

Essa região apresenta uma diversidade de potencialidades quanto aos aspectos minerais para ouro, diamante, calcário, calcário dolomítico e dolomito, e para agregados da construção civil (areia, cascalho e argila). A exploração desses recursos minerais ocasionou uma extensa degradação do ambiente, com desfiguração da paisagem, remoção da vegetação, assoreamento de drenagens, disposição inadequada dos rejeitos, principalmente no trecho entre Cuiabá e Poconé, resultante da exploração de ouro e de agregados para construção civil, e na região de Nova Brasilândia e Planalto da Serra, relacionadas à exploração de diamante.

Essa atividade é impulsionadora da economia mineral e agrícola do Estado, no entanto, deve ser ordenada e regularizada para ser executada de forma harmônica com a manutenção dos potenciais de beleza cênica e de conservação da Província Serrana e do Pantanal. As feições de beleza cênica estão representadas pelas bordas escarpadas da região planáltica circundante, pelas cabeceiras dos rios afluentes ao Pantanal e relevo cárstico com grutas, cavernas e corredeiras da Província Serrana, águas termais do Planalto de São Vicente, e áreas de relevante interesse ecológico devido à variabilidade ambiental e diversidade de paisagens relacionadas ao complexo pantaneiro, características que lhe conferem também grande biodiversidade.

A qualidade das águas superficiais reflete o grau de antropização e tipo de uso, evidenciada pela baixa qualidade das águas, e também a questão das águas subterrâneas da região do entorno de Cuiabá – Várzea Grande, pois além dos problemas referentes à potencialidade e qualidade das águas superficiais, este aglomerado urbano situa-se em região de média à baixa potencialidade subterrânea.

Essa região desenvolve-se sobre ambiente savânico alterado predominantemente por pecuária e exploração garimpeira.

De acordo com dados da SEPLAN (Secretaria de Planejamento) do Estado de Mato Grosso, a Região VI, onde Santo Antônio do Leverger e, conseqüentemente a comunidade Agrovila das Palmeiras se situa, apresenta solo “declivoso, o que, de modo geral, não é o tipo recomendado para o uso agrícola, por apresentar predomínio de solos rasos e pedregosos” (SEPLAN, 2021, p. 21), o que com o auxílio de estudos e pesquisas específicas poderão ser verificadas que alternativas de recuperação desse solo devem ser feitas para que ela tenha um aproveitamento eficaz nesse setor, daí a necessidade de olhares especializados nas diversas áreas do conhecimento que contemplem essa perspectiva, como Agronomia.

Outro dado apontado pela Secretaria de Planejamento do Estado de Mato Grosso (SEPLAN), é o Índice de Condições e Qualidade de Vida (ICQV), medido pelos indicadores sociais, como a renda do chefe de família, domicílios abastecidos com água encanada e taxa de analfabetos, que, nessa região, é muito baixa, estando preocupantemente muito abaixo dos índices considerados apropriados. Nesse sentido, é preciso pensar em questões que possam gerar a melhoria na renda familiar, bem como, melhorar também as condições sanitárias as quais deverão ser pensadas como prioridades de Saúde Pública.

2.2 Agrovila das Palmeiras: realidade rural

A comunidade de Agrovila das Palmeiras tem como atividade produtiva a piscicultura, a fruticultura, a avicultura, a pecuária e o extrativismo. A atividade pecuária é a base da fonte de renda dos moradores, principalmente o gado leiteiro, o que garante que o produtor possa se manter no sítio, sem necessitar sair para trabalhar em outras propriedades. Apesar da resistência em ser protagonista de suas histórias, a população não escapa dos monopólios comerciais almejados pelas grandes potências industriais. E esse Neocolonialismo segue como processo de dominação para abastecer a necessidade de mercados e uma constante economia capitalista, tanto para o consumidor quanto para os agricultores.

A maioria dos grupos familiares residentes nas proximidades da comunidade, tendem para o trabalho com agricultura familiar, economia de fatura, como mostra a

figura seguinte, na qual as mulheres preparam a farinha de *ora pro nóbis* para a utilização de suas iguarias (Figura 13).

Figura 13. Mulheres na prática da economia de fartura, no preparo da farinha do *ora pro nóbis*



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

O Distrito da Agrovila das Palmeiras faz parte da baixada cuiabana, por pertencer ao município de Santo Antônio do Leverger o qual está inserido no grupo dos 14 (quatorze) municípios da Baixada, cujo setor econômico, segundo o Zoneamento Sócio-Econômico Ecológico (ZSEE), caracteriza-se como a maior e mais diversificada base econômica de Mato Grosso, com um PIB de 8,1 bilhões (2015), fazendo parte da região de planejamento VI (IBGE, 2017).

A região de planejamento VI – Cuiabá/Várzea Grande –, caracteriza-se pela presença do principal centro polarizador do Estado de Mato Grosso, representada pela capital Cuiabá, a cidade de Várzea Grande, abrigando, também, os sub-centros de Poconé e Nobres.

Agrovila das Palmeiras está situada em uma área com dois importantes biomas: o cerrado e o pantanal, caracterizando-se como área de transição, em seu entorno está cercada por serras, rios, cachoeiras, águas termais, apresentando, assim, um cenário de belezas, praticamente desconhecida, com visibilidade

econômica em potencial. O que pode configurar-se como uma alternativa, além daquela em que se prioriza apenas a agricultura, mesmo que familiar e ecologicamente correta.

Diante desse contexto no qual se verifica uma região com a pecuária e agricultura com baixa agregação de valor, que o Índice de Condições e Qualidade de Vida (ICQV) está muito abaixo do esperado. Esses resultados levam a depreender que a Saúde Pública pede socorro, necessitando de olhares conscientes e especializados. E que, por outro lado, apresenta aspectos paisagísticos de relevante beleza natural, muitas questões podem ser elencadas para que as políticas públicas possam mudar esse quadro de forma incisiva e permanente.

Na formação deste povoado, muitos dos assentados dessa comunidade eram pessoas nativas da região que viviam nas redondezas, outras, terminavam de cumprir a pena no presídio rural da localidade e outras vieram de diferentes Estados e, desse modo, tornou-se uma mistura de gente que trabalha na piscicultura, fruticultura, avicultura, pecuária e extrativismo, sendo a pecuária a base da fonte de renda, além da agricultura familiar que é a base da economia de fartura. A comunidade tem pouca atividade econômica formal: engarrafadora de água mineral, trabalho nos órgãos estaduais e municipais e o extrativismo de espécies nativas da região, incapazes de fomentar empregos a todos.

Os assentamentos no município surgem a partir de 1977, com a reorganização do território pela divisão do Estado de Mato Grosso, criando-se vários programas de povoamento. Agrovila das Palmeiras foi planejada em 1983 pelo então governador Júlio José Veríssimo de Campos, nas proximidades do Presídio das Palmeiras. Os lotes foram entregues entre janeiro e julho de 1984, passando a chamar-se “Agrovila Júlio Campos”, nome do então governador, depois foi mudado para Agrovila Vale da Esperança-Palmeiras, nome que consta nos registros da Associação, mas hoje o distrito é conhecido por Agrovila das Palmeiras (CORRÊA, 2013).

A Comunidade de Agrovila das Palmeiras tornou-se Distrito em 2021. Antes, fazia parte do Distrito de Caeté, município de Santo Antônio do Leverger. A cidade mais próxima não é a sede do município, mas sim a capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, que está a 95 km de distância. A comunidade situa-se nas proximidades da Colônia Agrícola Penal das Palmeiras, (05 km) e da pousada “Águas Quentes”, (07 km). É uma comunidade que surgiu com o objetivo de apoiar a ressocialização do reeducando da Colônia Penal Agrovila das Palmeiras, que em seu surgimento foram

doados 206 lotes, distribuídos em pequenas chácaras, dando a constituição de um assentamento. Mais adiante, com o desenvolvimento do povoado, houve a invasão das áreas de reservas que resultou em mais 97 chácaras, dando um total de 304 famílias assentadas. Vale lembrar que estas 97 famílias ainda lutam pela regularização fundiária.

Em 2013, em meio aos descasos do poder público, e da falta de políticas públicas que atendessem os agricultores da região, nasce a Cooperativa Agropecuária Mista de Santo Antônio de Leverger (COOPAMSAL), cujo objetivo comum é o de ocupar os espaços, ampliar a produção, dividir o trabalho, as funções, ter voz ativa nos espaços sociais, e a divisão do lucro ali obtido.

O espaço da cooperativa onde se realizam eventos como: reuniões, cursos, festejos entre outras ações da comunidade tradicional Agrovila das Palmeiras - Santo Antônio do Leverger, pode ser visualizado mediante abaixo (Figura 14).

Figura 14. Espaço comunitário da COOPAMSAL



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Este espaço comunitário foi construído por muitas mãos em 1985. Estando à frente dessa empreitada o senhor Antônio Alvarenga (conhecido como Antônio da

máquina), pai de 8 filhos, sendo 2 meninas e 6 meninos. Na época, com os filhos ainda menores, seu Antônio deixava os afazeres em sua propriedade e incansavelmente convidava os assentados para a construção do barracão, cujo objetivo era fazer dali um entreposto para receber as produções dos cultivos do assentamento. Contam os moradores que quando não tinha mantimentos para o almoço dos mutirões ele doava de sua propriedade leitões, frango, mandioca entre outros mantimentos produzidos por ele, sua esposa Dair Sátiro da Silveira e seus filhos. No ano de 2020, o grupo de cooperados iniciou uma reforma no barracão e em unanimidade eternizaram seu Antônio da máquina, hoje já falecido, com o seu nome gravado na fachada do barracão que no momento vem sendo utilizado para reuniões, formações técnicas e agroindústria do extrativismo do babaçu.

A comunidade foi selecionada na segunda chamada pública do Subprograma Agricultura Familiar e de Povos e Comunidades Tradicionais (AFPCTs), para construir um Plano de Gestão de Cadeias de Valor do babaçu, palmeira tão abundante na região que deu nome à referida comunidade.

Para resistência em permanecer na região, o Agricultor vem se organizando e desenvolvendo tecnologia social de baixo custo para melhorar o desempenho de produção nas agroindústrias da cooperativa.

O grupo de mulheres tem um quebrador de babaçu, equipamento adquirido por projeto oriundo da NEDET-MT (Núcleo de Extensão e Desenvolvimento Territorial do Estado de Mato Grosso) e uma 'engenhoca' criada por um cooperado, o senhor Ricardo Carlos da Silva (Figura 15).

Figura15. Tecnologia social, quebrador de babaçu e panela de pressão trituradora



Vendo o “perrengue” (dificuldades, no linguajar popular) que as mulheres passavam para quebrar o coco do babaçu o qual possui uma casca densa e muito dura, Ricardo teve a ideia de criar uma máquina que tivesse potência suficiente para triturar o coco, sem ser danificada. Com isso em mente, ele acoplou uma lixadeira para materiais metálicos a uma panela de pressão doméstica, usada para cozinhar alimentos. Já a lâmina, ele retirou de uma roçadeira de cortar capim como mostra a Figura 16.

Figura 16. Tecnologia social: panela de pressão trituradora fabricada pelo agricultor



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

O senhor Ricardo explica com orgulho a construção da panela de pressão trituradora do coco de babaçu:

“Um dia eu peguei a lixadeira para cortar uns vergalhões lá em casa, e aí eu pensei: rapaz! Dessa lixadeira eu transformo um liquidificador. E aí eu fui matutando e veio a panela de pressão! Pensei: 'se eu cortar o fundo dessa panela, furar e colocar na medida certa, pegar a lixadeira e acoplar embaixo, fazer o suporte para ela ficar fixa, no interior da panela, eu consigo fazer a lâmina e encaixar no bico da lixadeira'. Cortei a faca de uma roçadeira, remodelei ela e fiz uma lâmina de acordo com o tamanho da panela. É rapaz! Você precisa ver o desempenho. Até eu não acreditei que fiz uma engenhoca dessas”.

E o desempenho da máquina se traduz no aumento da produção de farinha de babaçu das famílias, como explica Ricardo.

“Quando a gente trabalhava batendo no liquidificador, o máximo que a gente conseguia fazer de farinha era uns três quilos. Hoje, nós produzimos até 10 quilos por dia de farinha de babaçu. E o óleo da amêndoa, antes, a gente fazia 500ml. Hoje, a gente já consegue fazer 5 litros, com a ajuda dessa máquina”.

Observa-se que há componentes e elementos suficientes para que essa comunidade preserve sua cultura, se envolva com o território e esteja capacitada para manter o bem viver das pessoas como força motivadora de preservar as tradições, com permanência e desenvolvimento de atividades em que participem com entusiasmo (Figura 17).

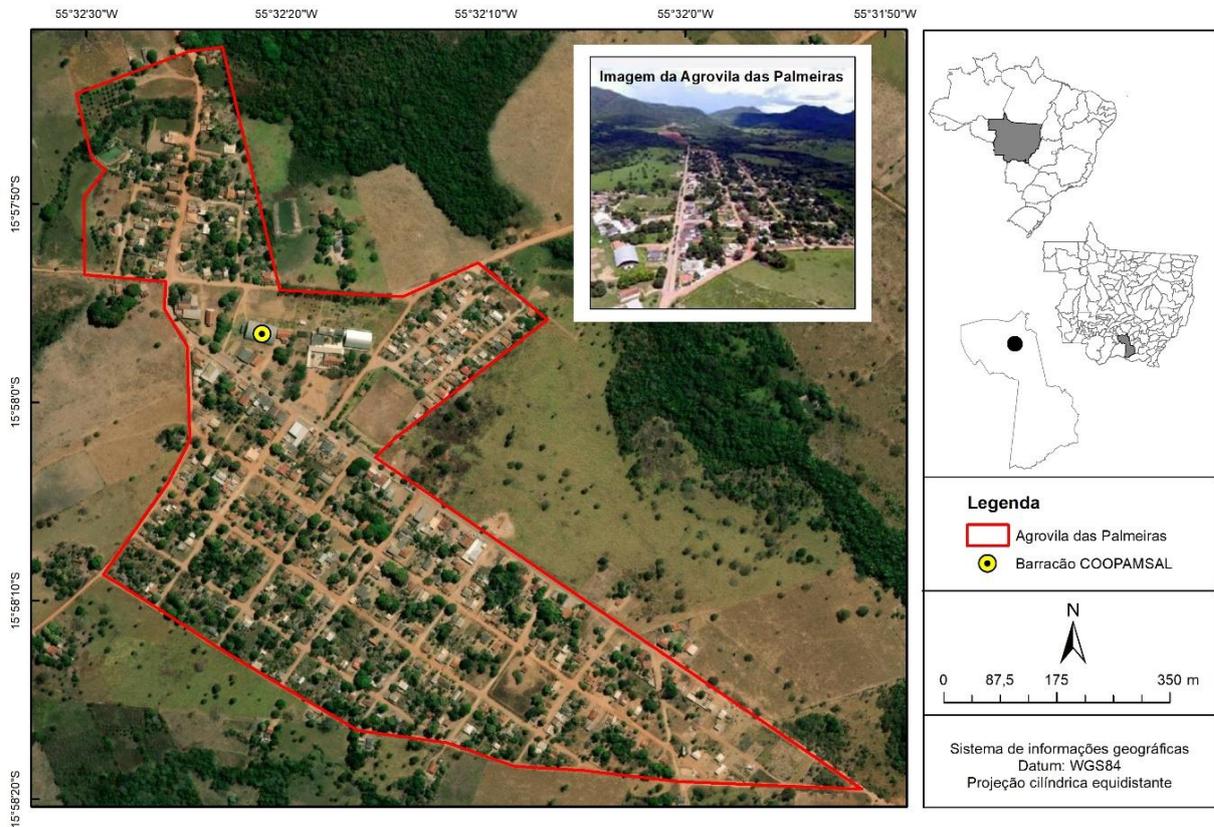
Figura 17. Grupo de cooperados retirando a amêndoa do babaçu para preparação do óleo



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

A localização da comunidade tradicional de Santo Antônio do Leverger pode ser visualizada no mapa (Figura 18).

Figura 18. Localização de Santo Antônio do Leverger no Mato Grosso e, em destaque, o mapa do assentamento de Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Antes, nessa comunidade, havia uma tendência crescente de aproveitamento das atividades familiares, onde as mulheres eram guardiãs dos saberes tradicionais, cujos compromissos com a transformação de produtos como rapadura, farinha, carne frita na lata, bolo de arroz, entre outras iguarias, eram produzidos por elas e serviam como alimentos para a população local. Porém, hoje quase não se encontram tais iguarias na comunidade. Recorda-se de outros saberes, quais sejam: garrafada, panela de barro, melado de cana-de-açúcar, óleo/farinha do babaçu, que também se perderam no tempo.

A mudança vem ocorrendo de tal modo que está abrangendo a estrutura deste povoado, seus modos próprios de vida, relações territoriais, preservação da memória, história e patrimônio cultural material e imaterial, seus saberes tradicionais, o uso de recursos naturais, entre outros. Para tanto, se faz necessário buscar soluções de

suporte legal e teórico para compreender as transformações que vêm ocorrendo na identidade desta comunidade.

Vale reforçar que as memórias relacionadas à realidade rural de Agrovila das Palmeiras decorrem da capacidade de resistência dos agricultores familiares, em cultivarem seus vínculos territoriais com o espaço vivido. Desse modo, no capítulo 3 tem-se a intenção de apresentar os resultados da pesquisa, apontando o lugar da mulher em Agrovila das Palmeiras, seus desafios, jornadas e desalentos.

CAPÍTULO 3

MULHERES E CONDIÇÕES DE PODER SOCIAL EM AGROVILA DAS PALMEIRAS: EDUCAÇÃO POPULAR

Este capítulo tem a intenção de apresentar os resultados da pesquisa, apontando o lugar da mulher em Agrovila das Palmeiras, seus desafios, jornadas e desalentos. Para preservar as protagonistas da pesquisa pediremos licença à mitologia grega/romana (entre outras) para dar nomes fictícios às nossas personagens.

Diana, deusa da caça,
Gaia, deusa da terra,
Ianna, deusa do amor,
Ceres, deusa da agricultura,
Isis, deusa da vida!
Muitas com nomes de deusas,
Umas com nomes de flores,
Livres, ímpares, empoderadas,
Histórias antigas, inspiradoras
E descritas como rainhas.
Rainhas da terra, doadoras de frutos,
Encantadoras, com muita magia.
Senhoras de si, nada mais querem!
Só querem ser MULHERES!
 (Texto com grifos da autora).

3.1 Educação Popular/Educação do Campo e as mulheres de Agrovila das Palmeiras, participantes da pesquisa

Antes de apresentar as personagens da pesquisa e suas condições de poder social na região de Agrovila das Palmeiras, se faz oportuno que apresentemos o conceito da história da Educação Popular, assim como da Educação do Campo. Esse movimento que aconteceu na América Latina e no Brasil, principalmente a partir das ideias de Paulo Freire e de Carlos Rodrigues Brandão.

Para alguns intérpretes, a educação jesuítica teria deixado “marca excessivamente literária na formação brasileira” (WEHLING, 1994, p. 287).

Desse modo, refletir sobre o legado dos jesuítas para a formação do pensamento educacional brasileiro, dos ideais reformistas de educadores que pensaram um ambiente mais lúdico, prático, dinâmico, e voltado para as necessidades de uma formação crítica e reflexiva, se faz necessário para apagar essas marcas.

O método pedagógico utilizado seguia as normas do Colégio de Évora, de 1563, e da *Ratio Studiorum*, manual pedagógico jesuíta do final do século XVI. Nos cursos inferiores valorizava-se a gramática, considerada indispensável à expressão culta, e a memorização como procedimento para a aprendizagem; nos superiores, subordinava-se a filosofia à teologia. Para alguns intérpretes a educação jesuítica teria deixado marca excessivamente literária na formação brasileira (WEHLING & WEHLING, 1994. p. 287).

A educação é um acontecimento que se recria a cada dia e deve, em qualquer circunstância, "aspirar a ser livre e inovadora" (BRANDÃO, 1985, p. 78). Nessa vertente de educação, buscou-se o relato de uma das participantes da pesquisa, Diana, deusa da caça, estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que, através da educação, buscou melhores condições de vida, trabalho, moradia e novas oportunidades de uma vida melhor.

“Sempre tive vontade de terminar o terceiro ano e fazer faculdade, mas o trabalho, criança pequena e também uma avó que tinha que cuidar. Então esperei eles crescerem pra voltar e terminar e agora estou aqui realizando o meu sonho de terminar o Ensino Médio e com planos de cursar um Curso Superior, realizar meu sonho que sempre foi adiado por muitos anos e agora chegou a hora” (DIANA, 2022).

Nessa mesma lógica, Brandão (1981) cita que a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e a recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura. O autor ressalta ainda que, são formas de saberes que atravessam as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos das artes ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para se reinventar, todos os dias. E esse reinventar faz com que suas memórias permaneçam vivas.

Freire (2001) discorre que a prática educativa é uma prática social necessária, como o trabalho, a cultura e a religião. Já Brandão (1981, p. 7), em suas alusões, afirma que, "Ninguém escapa da educação". E vai mais além, ela permeia o cotidiano

das pessoas; em tudo o que se faça, a educação está presente: ela "existe misturada com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor" (BRANDÃO, 1981, p. 19).

Nessa direção, atrelar discussões teóricas relacionando a educação do campo com a educação popular faz com que busquemos caminhos para a efetivação de uma educação emancipadora, derivada pelo envolvimento dos sujeitos nos processos formativos que o compõem. Transformando numa educação para a vida, deixando de ser essa educação paternalista, produtivista, acoplada ao agronegócio, e que vem abrangendo nesse tempo de “agro é tudo”, todas as dimensões do território, transformando tudo produzido na região, ou naquele campo. Desconstruindo todo o conjunto de direitos adquiridos através dos movimentos sociais, por uma série de lutas, tornando o povo sem consciência de classe.

Para poder mudar esse cenário, precisamos de escolas no campo para o campo, em que essas escolas devem ter os seus modelos educacionais, currículos próprios, devido as suas especificidades, respeito à cultura, o modo de vida e natureza do lugar, assim como uma política de real valorização da escola pública. Pode-se observar essa coerência na pesquisa de Souza (2008, p. 1092), quando ele cita que a educação do campo:

Possibilita o debate acerca da prática pedagógica nas escolas do campo, expressando as divergências políticas entre a concepção de educação rural pautada na política pública estatal e a concepção de campo pautada no debate empreendido pelos movimentos sociais de trabalhadores. Com isso, coloca professores, secretarias de educação, diretores, entre outros, em processo de indagação quanto à prática desenvolvida nas escolas do campo. Percebe-se que a educação do campo apresenta heterogeneidade no que tange à prática educativa em sala de aula e à gestão da escola, uma mostra de que a realidade, lentamente, vem sendo modificada pela prática social [...].

Refletir sobre o direito à educação aos homens e mulheres do campo ou no campo, faz-se necessário para que as pessoas possam ser protagonistas de suas histórias. Diante desse contexto, os movimentos sociais, ao longo dos tempos, vêm lutando por uma educação capaz de reconhecer as diversidades socioculturais do campo, que possibilite a valorização dos saberes e das culturas vivenciadas pelas populações camponesas. Ou seja, “construir um modelo de educação sintonizado com as particularidades culturais, os direitos sociais e as necessidades próprias à vida dos camponeses” (BRASIL, 2007, p. 11), permitindo que se tornem atores de suas histórias.

escolarizada nos espaços educacionais. A população vem dialogando por meio do fórum da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em níveis nacional, regional e estadual, reconhecendo a importância desse espaço na proposição e definição de novos rumos de suas Diretrizes Curriculares.

Os diálogos que vêm acontecendo no Fórum Permanente de Debates da Educação de Jovens e Adultos – FPDEJA do Estado de Mato Grosso, em relação ao ensino-aprendizagem, ainda apresenta grandes desafios. O fórum é um movimento social instituído, com a intenção de provocar debates a fim de termos uma educação de qualidade, o qual vem apontando resultados positivos que vão para além da reprodução do ensino.

Em entrevista com a professora Euzemar Fátima Lopes Siqueira, Secretária Executiva do FPDJA, desde sua fundação em 2002 até o ano de 2009, e também componente da equipe da Educação do Campo na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC-MT), de 2005 a 2020, relata que a educação de Jovens e Adultos é de suma importância para a compreensão da Educação do Campo. Pois durante a sua militância no fórum que trata desta temática, observou que os sujeitos do campo tiveram sua educação escolar interrompida no quarto ano primário. Pois a educação formal somente era oferecida até este nível, o que ocasionava uma demanda reprimida para este público. Segundo a entrevistada, quando foi convidada para compor a equipe da Educação do Campo na SEDUC-MT, observou que esta demanda teria seu atendimento nas escolas do campo, nas salas anexas e que existia um número considerável para ser atendido.

Euzemar considera que a Educação do Campo, por muito tempo, foi atendida pelo viés da Educação Popular, com a contribuição de Paulo Freire na alfabetização e letramento de Adultos. Esta dá a base para a Educação do Campo, pois a EJA possui princípios como a função Reparadora, Equalizadora, Qualificadora, além de uma metodologia própria, em que os Movimentos do Campo construíram em momentos que esta demanda no campo não era atendida pelos órgãos públicos.

Apesar de muita discussão, ainda não chegaram à compreensão de uma educação popular na sala de aula para os estudantes da EJA, pois baseiam sempre a educação popular como algo escolarizado, perdendo a essência de uma educação que vai além das salas de aula, onde deveriam colocar os saberes para educar para o mundo, buscando trazer para o espaço educacional um caráter menos político e conteudista. Exemplo disso, agora, é o material estruturado que foi implantado em

todas as escolas de Mato Grosso, inclusive para os alunos da EJA, com a ideia de que o material foi construído por muitas mãos, visando contribuir com a melhoria do ensino-aprendizagem das escolas da cidade e do campo de Mato Grosso.

Contudo, esse material só vem constatar que as políticas implantadas nas escolas do campo e nas turmas da EJA são reflexos das influências internacionais em que domina o interesse do capital. O Estado, ao redefinir seu papel, desloca recursos públicos da educação e transfere parte de sua responsabilidade para a sociedade, na perspectiva de reduzir gastos e aumentar a produtividade, formando cidadãos alienados e sem consciência de classe.

No entanto, perde-se a oportunidade de transformar este espaço de diálogo, possibilitando a escuta de todos os segmentos que o compõem, os educandos e educadores, e deixando de ver e compreender a educação popular e a educação no campo a partir da experiência apresentada pelos seus educandos que trazem suas vivências para além da sala de aula.

Isto considerado, observa-se, porém, a necessidade de se ter mais espaços dentro do Fórum para a discussão sobre a contribuição da Educação Popular, objetivando trazer as experiências dos saberes para as formas de educar para o mundo, suas trocas de saberes que acontecem na comunidade e nos grupos sociais. De acordo com Coelho (1982, p. 31): “É preciso perguntar, então, o que significa e como seria possível uma educação a serviço das classes subalternas, ou seja, a realização de um trabalho pedagógico de fato voltado para a superação da opressão de classe”.

Seguindo esse pensamento, esperar uma forma de educação que vai contra o patriarcado, e desse modo, reconhecer as mulheres como sujeitas de direitos igualitários em seus espaços vividos, é torná-las protagonistas de suas histórias, como mostra as trocas de saberes apresentados no ciclo cultural, no relato da comunidade Agrovila das Palmeiras, nos espaços políticos e de liderança citados a seguir.

3.2 A força de trabalho das Mulheres da Agrovila das Palmeiras: espaços políticos e de liderança

É fato que na comunidade de Agrovila das Palmeiras os trabalhos de forma coletiva têm procurado contemplar o atendimento das necessidades iniciais que o grupo apresenta, a fim de que possam exercer efetivamente atividades de produção

agroecológica e fomentar a economia solidária local com o beneficiamento de espécies de importância nutricional, nativas e adaptadas da região (açafraão, urucum, babaçu e banana-da-terra, mandioca), nas dimensões da agricultura familiar sustentável, no avanço tecnológico, tornando, desse modo, a propriedade rural sustentável e integrada à comunidade a que pertencem, sendo a Agrovila das Palmeiras, em Santo Antônio do Leverger. Mas a pressão de cunho econômico-social tem intensificado sobremaneira o êxodo rural, principalmente dos jovens, que partem em busca de empregos e de estudo em áreas que possam se inserir no mercado de trabalho das cidades.

Diante desse contexto, é importante ressaltar que a participação das mulheres e o desenvolvimento de operacionalização das atividades criativas e de empreendedorismo nas Associações e na Cooperativa existentes na região de Agrovila das Palmeiras é fundamental para o bem-viver social desta comunidade.

Segundo dados estatísticos do IBGE (2017), as mulheres brasileiras fazem parte do grupo que, apesar de alcançar o maior índice de escolaridade, encontram-se também na base da pirâmide. Deste modo, observaremos o empoderamento feminino a partir das ações de empreendedorismo implementado por elas nas associações e cooperativas locais. Assim, procuraremos conhecer o processo de valorização das mulheres nos Territórios da Cidadania Cuiabana.

Nos dias de hoje, no município de Santo Antônio de Leverger, os cargos de maior relevância têm sido ocupados por mulheres neste território, e isso trouxe mudanças positivas visíveis nesse momento, em alguns setores.

Assim, progressivamente, as mulheres vêm se inserindo nos espaços de trabalho, antes ocupados somente por homens, e essa inserção é notada pela população da referida comunidade por meio dos trabalhos realizados nas comunidades (Figura 20).

Figura 20. Atuação da Prefeita Francieli Magalhães de Arruda, do município de Santo Antônio do Leverger-MT, em visita às obras e à Aldeia Córrego Grande da etnia Boróros, onde vivem 112 famílias, cerca de 400 pessoas



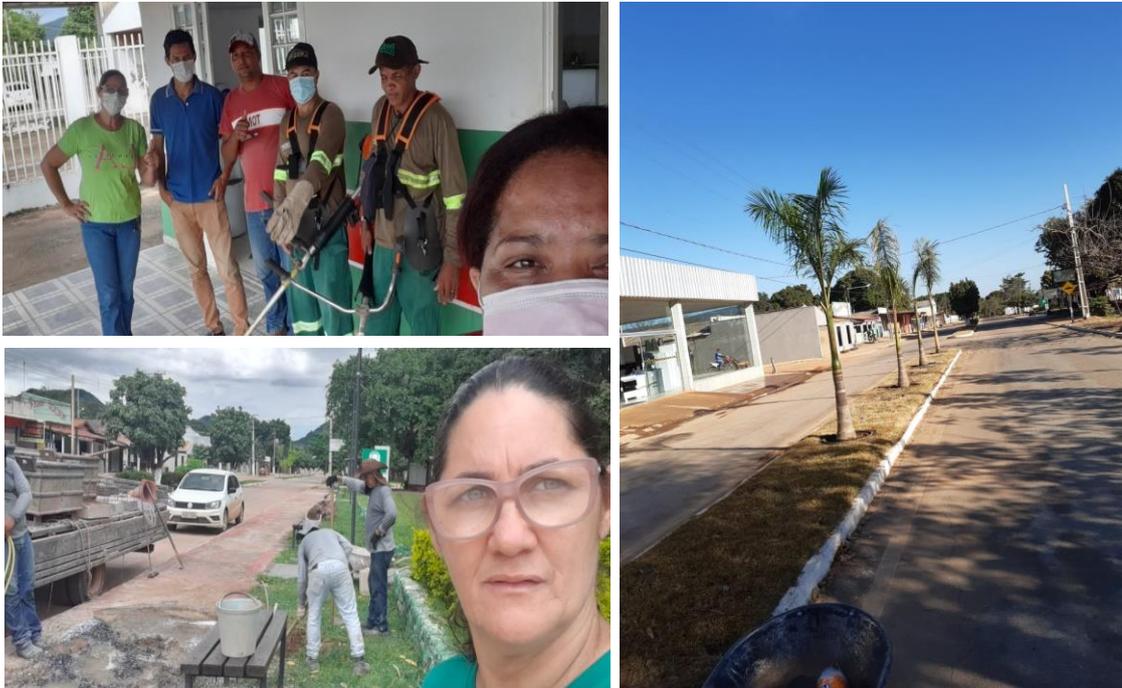
Fonte: Mídia pública, 2022.

Momentos passados, em que somente os homens vinham ocupando os espaços de trabalho existentes na comunidade, tais como o cargo de sub-prefeita, a Coordenação da Associação de Bairros, a Coordenação da Cooperativa de Agricultores Familiares, entre outros, “as coisas não avançavam na região” segundo relato uníssono dos moradores locais.

Como explicitado em passo anterior, grande parte dos cargos atuais, no território de Santo Antônio do Leverger, vem sendo ocupado por mulheres, e desse modo os cargos estão assim distribuídos: temos, ocupando o cargo maior de relevância na prefeitura, uma prefeita, uma vice e uma sub-prefeita; e na câmara, uma vereadora. Na comunidade de Agrovila das Palmeiras, as presidências da Cooperativa, da Associação de Bairro e da Direção escolar também estão representadas por mulheres, sendo nítido perceber as mudanças e trabalhos

direcionados em todos os setores importantes para a população local: estradas, escolas, saúde, etc., priorizadas pelas gestoras (Figura 21).

Figura 21. Sub-prefeita de Agrovila das Palmeiras, Maria da Penha



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

“No início foi difícil os homens entenderem que as coisas mudaram por aqui. Organizar os espaços que vinham carregado de costumes foi um tanto desafiador, até eu mesma não acreditava que conseguiria devido à resistência de muitos” desabafa a sub-prefeita, Maria da Penha.

Além da atuação nos espaços de repartições públicas, as mulheres vêm se destacando também na agricultura local. O emprego da força de trabalho de toda a família “[...] está presente no cenário das forças sociais atuantes no meio rural, responsável por parte considerável da produção agrícola” (WANDERLEY, 1996, p. 20).

Esse modelo de produção que encontramos muito presente no território da Agrovila das Palmeiras não chega a ser o modelo do campesinato, por isso chamamos de agricultores familiares de fatura. Nem todos têm o envolvimento de toda a família, em algumas propriedades, ocorre a contratação da mão de obra assalariada de outras famílias. Tem sempre alguém trabalhando fora, geralmente nas escolas, posto de

saúde, comércio local e grandes fazendas, para garantir a entrada de salário na propriedade. A situação, também comum, é quando um sai da propriedade para vender a força de trabalho em outra propriedade distante (Figura 22).

Figura 22. Ação coletiva de mulheres da Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Chayanov (1974) foi o grande pensador acerca do campesinato, mas ele próprio fez considerações sobre as mudanças na produção, de quantitativas para qualitativas, de forma que fosse produzido apenas o que fosse possível, dedicando-se a uma produção específica, diferentemente da prática anterior de ser autossuficiente.

O território de Santo Antônio do Leverger é dono de uma grande diversidade cultural e de dois importantes biomas ricos em diversidades alimentícias. Dentro dessa diversidade de riquezas temos os babaçuzais, palmeira que consagrou o nome à comunidade de Agrovila das Palmeiras. Essa palmeira, de grande valor econômico, vem sendo o sustento de muitas famílias extrativistas.

Nesse contexto, nas esteiras do pensar de Santos (2018, p. 208) tem-se que, neste domínio, a conflitualidade abriga-se sob dois grandes paradigmas de

desenvolvimento social, os quais designa-se simplesmente por paradigma capital-expansionista e paradigma eco-socialista.

Neste mesmo olhar, Santos (1999, p. 5) alerta sobre a regularização social: “[...] da modernidade capitalista se, por um lado, é constituída por processos que geram desigualdade e exclusão, por outro, estabelece mecanismos que permitem controlar ou manter dentro de certos limites esses processos”.

A nova ordem econômica, traduzida por um mundo globalizado com constantes alterações no ambiente externo e com características como a precarização e a flexibilização do mundo do trabalho, favorecem a inserção das pessoas em outras atividades produtivas a não absorção da mão-de-obra.

E essa inserção será mostrada no texto a seguir, em que serão relatadas as vivências das mulheres nas oficinas de Agrovila das Palmeiras, como também a interação entre a Comunidade Rural e a científica como instrumento de potencialização de ingresso ao Ensino Superior e trocas de saberes.

3.3 Vivências em oficinas: Mulheres de Agrovila das Palmeiras. A interação entre Comunidade Rural e Científica como instrumento de potencialização de ingresso ao Ensino Superior e trocas de saberes. Ciclo cultural relato - Comunidade Agrovila das Palmeiras

O vento sopra levemente, o cheiro do café dá para sentir da porteira delicadamente decorada na entrada: “Sítio 3 Marias”. Trata-se do sítio de dona Maria e seu esposo, Asao Wakinagni, os quais fazem parte das mais de 3000 (três mil) famílias que vivem hoje na Comunidade Agrovila das Palmeiras, a 88 km da capital mato-grossense.

É no quintal da casa de dona Maria José da Silva Wakinagni, 59 anos, minha irmã, que voluntários, pesquisadores, alunos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e mestrandas em Geografia da UNEMAT, bem como moradores da Comunidade, se reúnem para mais um dia de vivência e trocas de saberes na Semana do Meio Ambiente de 2021, promovida pela Cooperativa Agropecuária Mista de Santo Antônio de Leverger (COOPAMSAL) e a UFMT, em parceria com a Prefeitura de Santo Antônio de Leverger (Figura 23).

Figura 23. Reunião de moradores da comunidade Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

Ao entorno de um grande tamarineiro que generosamente fornecia sua sombra para o acolhimento das pessoas que preparavam os saquinhos para mais tarde serem berço das sementes, entre uma conversa e outra, dona Maria contava sua história. Após morar 13 anos no Japão, dona Maria ressignificou seu olhar sobre sua cultura e, ao retornar de alma e coração ao Brasil, efetivou sua residência na área rural de Santo Antônio do Leverger, onde vive até hoje. Maria fala que: “É aqui que eu reencontrei minha verdadeira cultura, a cultura do campo, da terra”, assim conta animada com seu quintal cheio e efervescente de conhecimento científico e popular (Figura 24).

Figura 24. Atividade do dia do Meio Ambiente no lote de Dona Maria



Fonte: Pesquisa de Campo (2021), acervo Obadowski, 2022.

Maria faz parte da COOPAMSAL, é uma das famílias atendidas pelo Projeto do Campo à Mesa, coordenado pelo professor da UFMT, Hendersen Gonçalves Nobre (chamada anexa), que estimula e ensina a preparação de mudas nos viveiros para os Sistemas Agroflorestais (SAFs) fixados nos quintais de cada uma das famílias atendidas pelo projeto, onde uma equipe de técnicos e pesquisadores acompanham todo o desenvolvimento das ações até a comercialização da produção dos Sistemas Agroflorestais (SAFs). Hoje, o projeto está presente em diversos municípios da Baixada Cuiabana, sendo eles: Acorizal, Barão de Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio de Leverger e Várzea Grande (Figura 25).

Figura 25. Atividades da comunidade Agrovila das Palmeiras no Projeto do Campo à Mesa



Agrovila das Palmeiras, Santo Antônio do Leverger.

Fonte: Adaptado de Henderson Gonçalves Nobre, 2021.

O Projeto do “Campo à Mesa” visa o fortalecimento e ampliação de um modelo alternativo de organização e acompanhamento de Empreendimentos de Economia Solidária (EES) na região da Baixada Cuiabana. Uma proposta de desenvolvimento socioambiental e econômica, através da formação, organização, animação e sensibilização dos agricultores/as familiares do campo e da cidade, na perspectiva de resgate dos valores sociais, ambientais e produtivos, com base nos princípios da Economia Solidária e a Agroecologia. As ações previstas neste projeto estruturam-se

em quatro eixos: organização e mobilização; produção agroecológica; agregação de valor por meio da agroindústria e comercialização. Os grupos de agricultores parceiros e beneficiários diretos do projeto são associações, cooperativas e grupos informais de agricultores familiares e povos de comunidades tradicionais dos municípios participantes e engajados (Figura 26).

Figura 26. Preparação de mudas com a participação de mulheres da comunidade Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

Entre os raios do sol, tomado pela docilidade de uma grande árvore de tamarindo, e de associados da cooperativa, moradores da comunidade e pesquisadores põem literalmente a mão na terra. Entre uma cumbuca e outra, os saquinhos vão tomando formas para receber as sementes onde serão acolhidas até começarem a tomar forma, cada uma em seu tempo. Dali em diante são necessários cuidados diários e deixá-las evoluir naturalmente até seguirem para os SAFs (Figura 27).

Figura 27. Preparação de mudas para serem doadas aos SAFs



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

Este processo evoluiu durante todo o dia no ambiente, rico em trocas e experimentações. O estudante de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Geraldo Mariano, 21 anos, não deixa de executar suas tarefas, entre um papo e outro (Figura 28).

Figura 28. Moradores da comunidade preparando mudas



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

Geraldo Mariano, morador da Agrovila das Palmeiras, técnico em Agroecologia, foi bolsista de Iniciação Científica Júnior do CNPq, em projeto coordenado pela professora da Unemat, Doutora Lisanil Patrocínio, por seis meses, quando tinha apenas 16 anos, conta orgulhoso do estímulo que teve para ingressar no Ensino Superior.

“O projeto despertou em mim a vontade de estudar e fomentar a pesquisa”. Hoje, Mariano leva relatos para toda a Comunidade sobre a importância do projeto, da pesquisa e da formação Superior na potencialização da produção e crescimento de sua comunidade (Figura 29).

Figura 29. Troca de experimentações na produção das mudas: Geraldo Mariano e a Doutora Lisanil Patrocínio



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

Geraldo não é o único morador de Comunidade Tradicional, que teve sua vida transformada pelo Projeto de Iniciação Científica Júnior. A voluntária Daniela Gonçalves Neto é mais uma jovem que recebeu o estímulo para a pesquisa e soube aproveitar bem a oportunidade. Após seis meses como bolsista do projeto, recebendo o auxílio de R\$ 100,00 por mês, Daniela seguiu o caminho da pesquisa e hoje é estudante de Geografia na UFMT. Vinda da Comunidade Quilombola Minauro, em Poconé, acredita que sua formação no Ensino Superior poderá ajudar sua família a transformar, de alguma forma, sua comunidade (Figura 30).

Figura 30. Participante do Projeto de Iniciação Científica Junior: Daniela Gonçalves Neto



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

Esta é a verdadeira transformação, o resultado que esperávamos do projeto, afirma a professora Lisanil Patrocínio, responsável pelo Projeto de Iniciação Científica Júnior do CNPq. Ela argumenta que,

“Todos os nossos projetos têm o nome transformado em corpos e vidas, pois acreditamos que a universidade, através do seu elo com a sociedade que é a pesquisa em interface com a extensão, transforma vidas. O menino ou uma menina carente de comunidade, para ser um bolsista, precisa ter o *Curriculum Lattes* e documentos como RG e CPF e conta em Banco do Brasil. Só o processo para fazer esses documentos não é fácil, então eu acredito que esse jovem tem a vida transformada, pois passa a existir enquanto cidadão. Enquanto sujeito de sua própria história, e mais do que isso, pode ajudar a transformar o país” (Profa. Dra. Lisanil Patrocínio, 2022).

No ano de 2021, a professora abre inscrição para bolsistas de ICJ-CNPq para 40 bolsistas, e em 2022, para 160 ICJ-CNPq. Importa destacar que essas bolsas são preferencialmente para estudantes do Ensino Médio de primeiro e segundo anos de escolas públicas de comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas. Segundo a professora e pesquisadora, estimular a pesquisa na educação rural é investir nos jovens para que eles alcancem a pós-graduação, o que pode ser benéfico para si e para suas comunidades, pois as pesquisas podem trazer um retorno à sociedade “na forma de melhores políticas públicas, melhores práticas nos serviços prestados à população, melhores medicamentos, vacinas e terapias, melhores alimentos, escolas,

estradas, cidades, etc., enfim, em oportunidades para uma sociedade mais desenvolvida, justa e próspera” assim é fundamental o apoio e investimento do governo brasileiro em ajudar a iniciação científica a qualquer futuro profissional a aprender a pesquisar, buscar o conhecimento, e saber usá-lo para o aprimoramento.

Há que se compreender o significado de uma programação pontual em homenagem ao meio ambiente para esta Comunidade Rural. Não se trata de um evento qualquer. Entre o cheiro do café passado e a prosa entre membros da comunidade e pesquisadores, é possível compreender, de forma instintiva, o significado da cultura do campo para as mulheres em ocuparem este espaço em expansão na agricultura familiar.

Não é difícil perceber a docilidade e a receptividade daqueles e daquelas que vivem no campo. A oferta de um prato de galinha com arroz, do feijão temperado ao bel prazer, o copo de leite diretamente do balde de alumínio, e até uma sacolinha de limão e folhas de canelas para fazer chá para levar para casa, são ações que se tornam símbolos incontestáveis da vida e práticas do campo. E é assim, a partir da percepção que pulsa no olhar dos pesquisadores/as, que a comunidade segue em parceria incentivando paulatinamente seus jovens no ingresso ao Ensino Superior, bem como no campo da pesquisa científica.

A partir da compreensão da educação do campo e da educação popular, como instrumento fundamental para o desenvolvimento das comunidades, a prefeitura, bem como agentes políticos – vereadores –, não se fazem omissos ao processo que emerge frente a tantos atos de violência contra o meio ambiente e povos tradicionais. Para a professora aposentada e integrante da Comissão de Articulação da I Mostra Científica Estadual, Euzemar Lopes Fátima Siqueira, a atividade, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nas comunidades rurais, são importantes objetos de conhecimento e podem (e devem) ser cada vez mais estimulados, uma vez que demonstram a viabilidade por meio dos resultados (Figura 31).

Figura 31. Professora aposentada e integrante da Comissão de Articulação da I Mostra Científica Estadual, Euzemar Lopes Fátima Siqueira



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

Para a prefeita de Santo Antônio do Leverger, Franciele Magalhães, ver e acompanhar projetos como os que têm sido executados na Zona Rural de Santo Antônio do Leverger é fundamental. Ela, a primeira mulher prefeita da cidade, vinda da zona rural, foi feirante e se orgulha de suas origens, é um importante marco de resistência no processo de envidar as possibilidades e as qualidades que o campo tem nas suas várias dimensões, sejam elas técnicas no manejo, ética, no modo de vida, ou política, dentro da significativa luta no campo. “Se a sociedade quiser ter vida longa, terá de cuidar do meio ambiente”, reforça a estudante de Geografia Daniela ao se despedir (Figura 32).

Figura 32. Vereador Manoel Teixeira e demais participantes do encontro na Comunidade Agrovila das Palmeiras



Fonte: Acervo Obadowski, 2022.

Assim, estimular o interesse pelas causas ecológicas e a interação sustentável do homem ao meio ambiente deve ser uma prática de toda a humanidade. Que as comunidades tradicionais, em suas lutas de resistências, jamais percam a docilidade do bem-viver, e que essa vivência continue existindo como poesia no olhar das pessoas, no canto dos pássaros e na comunhão entre os povos, que ali prevalece o poeta, pois a poesia é um lugar onde a gente ainda pode fazer com que um absurdo seja uma sensatez, como dizia o poeta Manoel de Barros (BARROS, 2008).

3.4 Ciclo cultural – Saberes e Sabores

No sentido de contribuir com o fortalecimento da Comunidade e autonomia financeira, o grupo de mulheres da cooperativa COOPAMSAL vem desenvolvendo atividades coletivas com o objetivo de explorar as potencialidades de saberes e afazeres existentes em suas práticas diárias.

No dia 10/04/2021 foi realizada uma oficina, cujo intuito foi o melhor aproveitamento da planta *ora pro nobis*. A oficina aconteceu na residência de uma das cooperadas e contou com a presença da professora Dra. Lisanil Patrocínio, a mestrandia Eliete e a pesquisadora Gislaine Ramos. O trabalho de ensino ficou por conta da mestrandia professora Rosilene Maruyama, com a parceria da professora Cássia Gomes Amorim.

Teve como participação as parceiras Elza, Augusta, Dona Fia e a presidente da Cooperativa, dona Valdete Lima, que serão multiplicadoras dos conhecimentos adquiridos.

Os trabalhos iniciaram com a abordagem da fala da mestrandia professora Rosilene Maruyama sobre a importância do conhecimento científico, pontuando que o conhecimento ajuda a dar valor às coisas e identifica as mentiras, como *Fake News*, que hoje ocorrem muito nas comunidades rurais.

3.5 A Oficina

Objetivos: fazer a desidratação da verdura *ora-pro-nóbis*, discutir seu valor econômico e a utilização como fonte nutricional e troca de receita de pães enriquecidos com a planta.

Em um primeiro momento, houve o processo de limpeza, desidratação da planta e informações da importância e valores econômicos e nutricionais (Figura 33).

Figura 33. Limpeza e desidratação da verdura *ora-pro-nóbis*



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Em outro momento, após a desidratação da planta, a professora Cassia ensinou como se faz pães enriquecidos com a farinha do *ora pro nóbis* (Figura 34).

Figura 34. Farinha e pães enriquecidos com a farinha do *ora pro nóbis*



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

3.6 O processo

De todo o processamento, utilizou-se: 1 Kg de folhas da planta *in natura*, que após desidratada, obteve-se 132g de farinha de *ora pro nobis*, que poderá ser comercializada por aproximadamente R\$ 6,00 em pacotes de 20 gramas.

Para finalizar, houve uma roda de conversa em que abordamos o potencial econômico de fartura da comunidade Agrovila das Palmeiras, as lutas e resistências ao longo dos anos e a importância de se reunir para fortalecer a identidade das pessoas. A comunidade tem a característica de ter mulheres fortes, que fazem doce, queijo e cuidam de seus cultivares e a comercialização da produção de excedentes, praticando, deste modo, o empreendedorismo em suas práticas diárias.

Em Agrovila das Palmeiras, os papéis de chefe de família vêm se invertendo dentro da comunidade, de onde essas mulheres vêm tirando para o sustento da sua família com o que produzem mediante seus saberes passados pelas gerações e novos conhecimentos adquiridos.

As oficinas que acontecem na comunidade procuram levar conscientização, orientação, e diálogos sobre o empreendedorismo feminino. Procura destacar a importância que cada mulher da comunidade desempenha no lugar, busca reduzir as diferenças entre as oportunidades de crescimento na carreira para homens e mulheres. Além disso, favorece a diversidade de negócios, graças às perspectivas inovadoras identificadas por elas em cada ação desenvolvida.

3.7 Mulheres da comunidade Agrovila das Palmeiras. Atividades produtivas rurais e sua participação no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana no meio rural

Em tantas histórias diferentes e marcantes, nota-se algo em comum em um caminho de coragem percorrido por mulheres que fizeram e fazem a diferença em suas famílias, nas comunidades e na vida de muitas pessoas que se deparam com seus exemplos de luta nas atividades produtivas rurais e sua participação no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana no meio rural. Aqui selecionou-se cinco histórias de mulheres generosas, estudiosas, empreendedoras, caridosas, corajosas e inspiradoras. Começa-se com a história de Gaia, protagonista desta pesquisa.



Gaia, 50 anos, mora na Agrovila das Palmeiras. Passou toda sua infância na cidade de Juscimeira (MT). Morava no sítio, próximo à cidade de Juscimeira, ia à cidade apenas para estudar. De Juscimeira, onde estudou até o Ensino Médio, mudou-se para Agrovila das Palmeiras, onde conheceu seu esposo, começou a namorar e casou-se. Ficou dois anos morando com seus pais, que já moravam na região. Começou a dar aula na escolinha Rural, ainda com Ensino Médio incompleto. Na

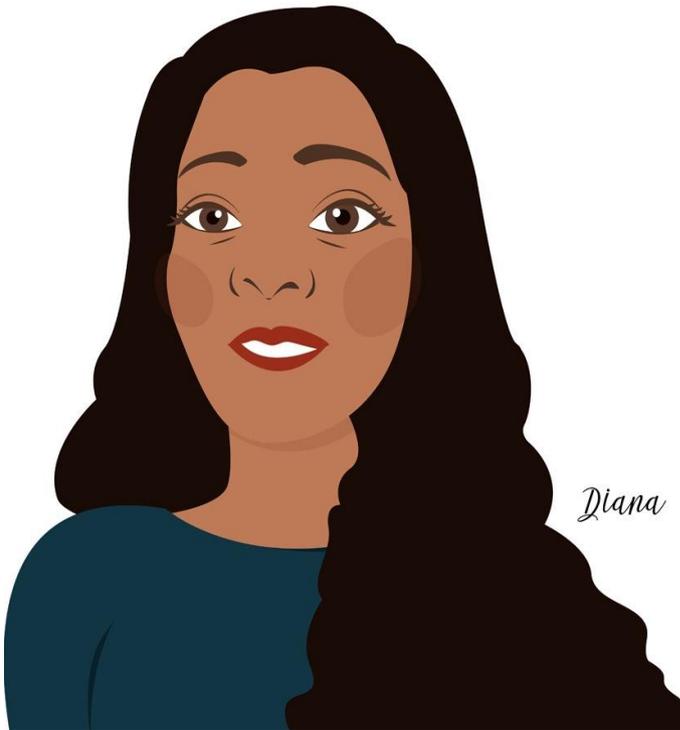
época era permitido o ensino sem formação Superior.

Casada, a partir daí, em 1993, seguiu sua vida. Teve dois filhos. Passou a viver na Agrovila, especificamente na Fazenda São Sebastião, que até hoje é propriedade da família de seu esposo. Anos depois, a escolinha Rural foi diminuindo a quantidade de alunos, até que a prefeitura fechou a escola. Da fazenda, foi para a corrutela de Agrovila das Palmeiras ser comerciante. Montou um posto de medicamentos, onde trabalhava com seu esposo. Montou também uma loja de roupas, onde passava boa parte do tempo.

Começou a estudar, terminando o Ensino Médio. Em 2014, começou seu primeiro curso Superior, o curso de Letras. Foram quatro anos indo todos os finais de semana à Várzea Grande-MT, onde se situa a Universidade de Várzea Grande (UNIVAG). Começou a graduação e já conseguiu um trabalho na escola do Estado. Como não podia mais trabalhar com a farmácia, pois havia limitações sobre as vendas de medicamentos, acabou fechando o posto, ficando somente como professora contratada da rede estadual de ensino mato-grossense, na qual lecionou por 15 anos.

Desempregada há dois anos, vinha ajudando o esposo nos afazeres da fazenda. Após a eleição e posse da atual Prefeita de Santo Antônio de Leverger (MT), Franciele Magalhães, teve a oportunidade de assumir o cargo de subprefeita da comunidade de Agrovila das Palmeiras. Segundo Gaia, foi um momento muito tenso de preocupações, porque esse cargo sempre foi ocupado pelos homens da comunidade e, no mais das vezes, a equipe de trabalho também é do sexo masculino. Outro fato a chamar a atenção, foi que ela trabalhou sempre em uma escola onde era

guiada pelo coordenador e, de repente, passou a ocupar um espaço no administrativo e gestão, em que precisa guiar uma equipe. Ainda segundo Gaia, aceitou o desafio no trabalho de gestão, no qual tem aprendido dia após dia a ocupar também o espaço como mulher na política.



Nascida no centro de Cuiabá, Diana, 58 anos, foi criada por sua tia e sua avó, que apresentavam na melhor idade uma grande necessidade de cuidados especiais. Ela, desde sua juventude, cuidou de casa, e mais tarde, de sua avó.

Casou-se cedo com o primeiro marido. Foi quando saiu da casa de sua avó para morar com sua sogra. Teve dois filhos. Quando engravidou do terceiro filho, seu marido rompeu a relação, alegando não ser seu filho. Abalada, Diana se separou e o seu

ex-marido seguiu com a amante, que, à época, tinha apenas 15 anos. Sob ameaças, passou a viver sozinha e a catar lixo nas ruas para sustentar seus filhos. À beira do rio, pescava e abriu um bar. Lá, conheceu um rapaz, casou-se novamente, contudo, mais tarde, descobriu a tentativa de abuso de sua filha menor de 12 anos.

Separada mais uma vez, ela mudou-se de Cuiabá para fugir das ameaças do ex-marido. Passou a morar em Campo Novo (MT) com seus filhos e sua avó. Trabalhou com carteira assinada em um restaurante. Lá, conheceu seu atual companheiro, com o qual é casada há 24 anos. Na época, ele cuidava dos dois filhos abandonados pela mãe. Passaram a conviver os cinco filhos e o casal.

Com os filhos grandes, o casal mudou-se para Cuiabá, vivem na Agrovila das Palmeiras. Hoje Diana atua no extrativismo do babaçu, faz óleo, farinha, sabonetes. Voltou a estudar, é aluna do EJA e almeja concluir seu Ensino Médio e cursar o Ensino Superior. Sonha em organizar seu espaço para empreender fortemente na agricultura familiar.

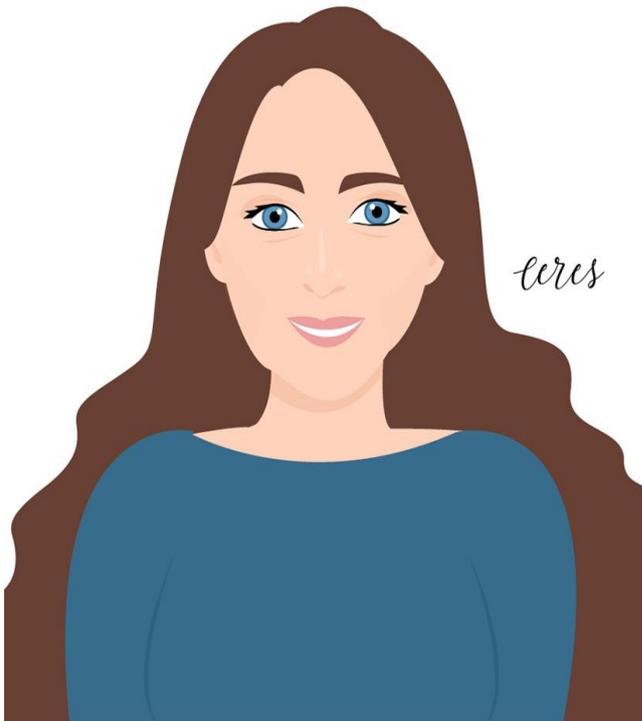


lanna, 54 anos, nasceu no município de Santo Antônio de Leverger/MT, em uma pequena corrutela chamada Pasto de Cavalo. Com nove anos, mudou-se para Cuiabá para trabalhar em casa de família. Com 16 anos, voltou para sua comunidade de origem, onde logo se casou e teve quatro filhos. Após o casamento, lanna mudou para outra corrutela denominada Boa Ventura, fixando morada no sítio Capivara, no qual reside atualmente com o esposo e filhos.

Com os filhos já crescidos e a oportunidade que o governo federal deu incentivando a formação educacional do povo brasileiro, lanna voltou a estudar, terminou o Ensino Fundamental, fez nível Superior, Licenciatura em Pedagogia, e atuou alguns anos como professora. Algum tempo depois, a escolinha onde lecionava foi fechada e lanna, ficando sem trabalho, fez curso técnico na área de saúde na qual, nos dias de hoje, atua como agente de Saúde em seu povoado. Em 2017, inconformada com o andamento da administração pública de seu município, se candidatou a uma vaga de vereadora, obtendo uma quantia boa de votos, porém, não conseguiu se eleger. Decepcionada com a política patriarcal que reina no município de Santo Antônio de Leverger, lanna resolveu não mais se dedicar à política partidária.

“Vejo a política extremamente importante na vida das pessoas, mas é um jogo de interesses e nós, como mulheres, não somos tidas como capazes de administrar a casa e o setor público. Sinto que minha candidatura foi mais para puxar votos para o grupo e isso é decepcionante e desanimador”.

Após o ano eleitoral, lanna voltou a atuar como agente de saúde e assumiu a presidência da Associação de sua comunidade, de onde vem buscando parcerias e projetos que melhorem e levem esperança para seu povo.



Ceres, 48 anos, nasceu em Niquelândia, Goiás, onde passou toda sua infância. Casou aos 16 anos, teve um filho em convivência de 8 anos, e aos 23 se separou. Sentindo-se pressionada pela sociedade, de que a mulher não deve viver só, casou-se novamente e, desse matrimônio, teve dois filhos. Conta com uma trajetória de imigração entre os Estados de Goiás, Mato Grosso e Rondônia. Estudou até a quarta série e diz que o estudo não lhe faz falta, mas quer que os filhos estudem.

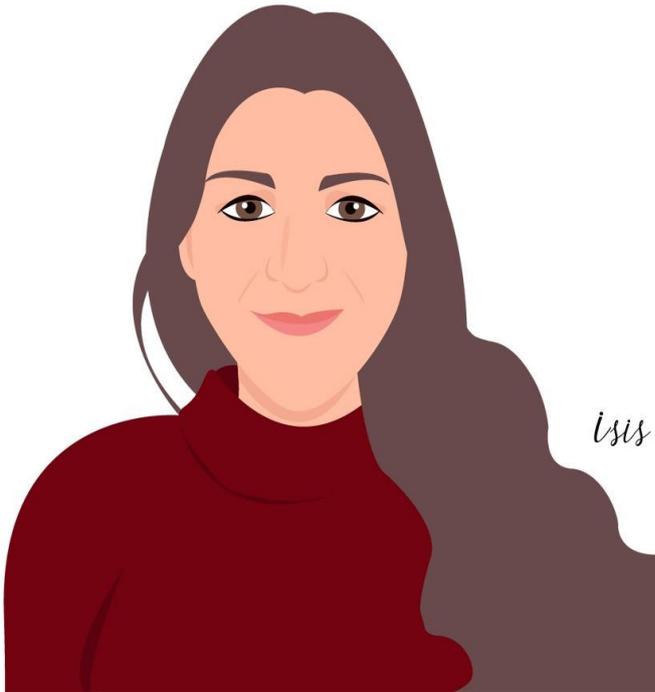
Em Agrovila das Palmeiras, Ceres se destacou como importante líder e representante das agricultoras familiares. Tornou-se presidente da Cooperativa COOPAMSAL, e, mesmo com pouca escolaridade, conduzia o funcionamento das agroindústrias e a administração de seu pequeno sítio que funciona como campo experimental do Projeto do Campo à Mesa, coordenado pela UFMT, denominado SAFs (Figura 35).

Figura 7. Ceres



Fonte: Acervo Maruyama, 2022.

Seu esposo, descontente com o lugar onde vivia, conseguiu, depois de muita insistência, vender a pequena propriedade, de onde tiravam o sustento de sua família e migraram novamente para Rondônia com destino a outro pequeno povoado, em Machadinho do Oeste, onde hoje estão tentando se estabelecer e viver da produção de cacau em um pequeno pedaço de terra cujo dono é o filho mais velho de Ceres.



Isis, 55 anos, mora na Agrovila das Palmeiras. Passou toda sua infância na cidade de Jaciara/MT, em um sítio nas proximidades, ia à cidade apenas para estudar.

Sua infância não foi muito fácil, pois infelizmente conviveu com sérios abusos dentro de casa, cometidos por seu irmão mais velho, hoje já falecido. Com medo de que sua mãe não compreendesse, Isis e sua irmã viviam acuadas e com medo.

“Ele me queimava e nos ameaçava o tempo todo para não contar para ninguém os atos que praticava com a gente. Hoje por mais que eu tente esquecer esses fatos da minha infância, apesar das marcas de queimaduras que tenho em meu corpo, feitas por ele, sinto que não consigo dirigir devido alguns bloqueios desse período, sinto também que minha infância foi roubada.

É muito duro isso, a gente não tem vida, a gente não tem infância, minha irmã se casou com 14 anos para sair de casa. Hoje eu consigo falar disso, não tenho vergonha, pois penso que serve de alerta para que outras crianças não tenham que passar pelo que eu e minha irmã passamos”.

De Juscimeira, Isis mudou-se para o município vizinho Nossa Senhora de Fátima para continuar seus estudos. Nesse povoado, conheceu um rapaz, e aos 19 anos formou sua família. Após o casamento ficaram sabendo do projeto da formação do povoado Agrovila das Palmeiras, migraram para esta nova comunidade.

Nesse intervalo de casamento, nascimento de filhos, Isis deixou de lado os estudos, passando a se dedicar apenas aos afazeres domésticos e cuidados com a família, mas nunca deixou de sonhar com o término do ensino básico.

Tão logo a escola da comunidade passou a oferecer o Ensino Médio, Isis retomou os estudos. Terminou o Ensino Médio, fez vestibular em Processamento de Alimentos no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e ingressou em um curso de Nível Superior.

“Não foi fácil a luta para fazer o curso em Tecnologia de Alimentos. A gente é muito julgada pela família e pela sociedade por a gente ser mulher e passar muito tempo fora de casa. Muitos falavam que eu estava indo para o *campus* para fazer bagunça com outros homens. Meu esposo foi compreensivo e sempre me apoiava, e assim consegui concluir”.

Assim que concluiu o curso, Isis passou a fazer doces, queijos, entre outras iguarias, e, com a venda, ajudava nas despesas da casa, “assim nossa vida foi melhorando”. Trabalhou por algum tempo como cozinheira, em um departamento público na comunidade. Assim que teve oportunidade de pôr em prática seus aprendizados deixou de ser cozinheira e entrou em uma empresa com o cargo de gerente de equipe de produção. Hoje ministra palestras, cursos e coordena uma equipe de 33 funcionários na qual é a responsável técnica.

É relevante frisar que a preocupação de Gaia, Diana, Ianna, Ceres e Isis em se estabilizarem financeiramente, crescerem na profissão e ganharem dinheiro, aponta para uma significativa transformação no modo de inserção da mulher na sociedade. A valorização do trabalho, da profissão e da independência exerce grande impacto na estruturação das trajetórias de vida das mulheres. A necessidade em deixarem seus postos de donas-de-casa para estarem onde elas quiserem nos espaços sociais, não tem sido fácil, mesmo com todas as conquistas, pois continuam existindo a discriminação e o preconceito, e principalmente a desigualdade salarial entre os sexos.

Assim, a sociedade tem um papel de grande relevância na proteção da mulher, haja vista que a grande causa da violência está no machismo estruturante da sociedade. Um país em que um médico estupra uma mulher no momento mais

especial de sua vida (durante o parto)¹, marca o quanto estamos dando voltas, e precisamos unir forças na luta por autonomia no território da cidadania cuiabana, entre outros lugares.

Nascer mulher já impõe uma luta diária ao longo da vida, ainda assim, muitas mulheres dedicam a vida a transformar o ambiente em que vivem se tornando referência e inspiração para aquelas que nem nasceram, mas que virão com a força de transformar e fazer do mundo um lugar mais justo para todos.

¹ Referimo-nos ao estupro de parturientes cometidos pelo médico anestesista Giovanni Bezerra, filmado enquanto estuprava uma grávida (anestesiada) durante um parto no Hospital da Mulher Heloneida Studart, na Baixada Fluminense (RJ) no dia 10 de julho de 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma perspectiva de mudança se abre quando o poder público pode, juntamente à comunidade e demais parceiros, oferecer políticas públicas pautadas nas necessidades de aperfeiçoamento humano, técnico e social dos que residem na comunidade. Quando falamos de empoderamento feminino, não estamos falando somente de dar espaço para as mulheres na sociedade, mas também falamos de como é importante encorajá-las, desde meninas, a serem o que quiserem, a ter autoestima em diversos aspectos de suas vidas e a repassar esse suporte a outras mulheres que possam precisar.

Almejamos que os movimentos sociais sejam, espaço inovador das relações de poder, criando e recriando novas formas de reivindicar e de estabelecer relações com o poder institucional. Nesse sentido, a participação política torna-se aprendizado coletivo, que se redefine no interior dos próprios movimentos, que visa compreender o papel da mulher nos espaços rurais, aspiramos que traga para os envolvidos desejos de igualdade, e que esses desejos sejam estimulados, compartilhados e suas opiniões, ideias e experiências entre si, demandem por atividades que garantam a sua permanência no meio em que vivem, com autonomia e bem viver.

É muito gratificante saber que as mulheres da comunidade Agrovila das Palmeiras participam de projetos, ações e encontros que as fortaleçam, em atividades que visam ampliar possibilidades de sustentar suas famílias, de continuar seus estudos e exercer, inclusive, atividades de gestão, mulheres empoderadas e que se apoiam, compreendendo que juntas são mais fortes, que replicam suas vivências, que nos inspiram e buscam construir uma sociedade com equidade, justa e equilibrada para as futuras gerações.

Apesar do triste desfecho da sociedade brasileira a partir de 2015 ser marcada por sucessivos acontecimentos impulsionados por interesses econômicos e políticos do capitalismo neoliberal. O Golpe de Estado de 2016 contra a nossa presidente a primeira mulher a ocupar a presidência do Brasil foi a materialização do machismo implantado em nosso país. Isso, se desdobrou com a proposta de um Estado mínimo e de contrarreformas que atacaram os direitos de igualdade de gênero e trabalhistas. As resistências dos movimentos sociais demonstram os descontentamentos de diferentes segmentos, entre os quais as mulheres que esboçaram diversas ações de confronto frente aos retrocessos em curso. Desse modo discutir a participação das

mulheres na política, a partir de sua inserção no movimento de resistência e ocupação dos espaços públicos, a recusa ao silêncio e as rupturas feitas para adentrar o campo político que requer aprender a jogar e fazer articulações para se manterem nos espaços públicos e na política tem de dado de forma tímida, mas com maestria por algumas mulheres na comunidade de Agrovila das Palmeiras, Santo Antônio de Leverger-MT.

Que a pesquisa contribua para a participação da mulher em movimentos, incentivando-as a participarem dos espaços sociais, que busquem cada vez mais lugares influentes que as façam romper com a rígida divisão de papéis, com o lugar já predeterminado na família, no trabalho, e a ocupar espaço no campo político ou onde ela quiser.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A.R. **A vida quer é coragem**. São Paulo: Primeira Pessoa-GMT, 2011.

CASTELLO, J. **Manoel de Barros faz do absurdo sensatez**. Publicado em 22 ago. 2008. Disponível em: <https://consultapsicologo.com.br/2008/02/22/manoel-de-barros-faz-do-absurdo-sensatez/>. Acesso: 04 jan. 2023.

BARROS, M.W.L. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BERGER FILHO, A.G.; SPAREMBERGER, R.F.L. Os direitos das populações tradicionais na ordem constitucional brasileira e sua relação com o acesso aos recursos genéticos. **Direito Debate**, ano XVII, n. 29, jan./jun. 2008.

BERTOLDI, M.R. Relatos falados, populares, intercambiados no tempo e no espaço e promoção do direito ao meio ambiente equilibrado. *In*: BERTOLDI, M.R.; GASTAL, A.F.; CARDOSO, S.T. (org.). **Direitos Fundamentais e Vulnerabilidade Social**. Em homenagem ao Professor Wolfgang Sarlet. 1ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2016, v. 1.

BRANDÃO, C.R. (org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, C.R. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso: 19 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso: 20 out. 2021.

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios. **População rural e urbana**. Publicado em 19 nov. 2017. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>. Acesso: 11 jul. 2022.

BRASIL. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Emendas Constitucionais de Revisão. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso: 25 jul. 2022.

BRUNO, S.F.; MATTOS, U.A.O. Benefícios da biodiversidade para as comunidades tradicionais: a nova legislação os sustenta? **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 31, n.

2, p. 998-1019, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1980509834222>. Acesso: 25 jul. 2022.

CAVICCHIOLI, G. 5 anos do impeachment: entenda o papel do machismo no processo contra Dilma Rousseff. **Brasil de Fato**. 17 out. 2021. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/17/5-anos-do-impeachment-entenda-o-papel-do-machismo-no-processo-contra-dilma-rousseff>. Acesso: 11 jul. 2022.

CHAYANOV, A.V. **La Organización de la Unidad Económica Campesina**. Buenos Aires: Nuevas Visión, 1974.

COSTA, R.S. **Resiliência Camponesa e Atos Territoriais em Espaços Reocupados Pelos Interesses do Setor Sucroalcooleiro**: Tupaciguara-MG. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia, 2019.

COELHO, I.M. A questão Política do Trabalho Pedagógico. *In*: BRANDÃO, C.R. **O Educador**: vida e morte. 12ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

CORRÊA, L.A. **Tradição e transformações socioculturais na comunidade Restauração** – Mato Grosso. LedoC. Planaltina: UnB, Brasília, 2013.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995. Tradução: Ephraim Ferreira Alves.

CUNHA, M.C. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CUNHA, M.C.; ALMEIDA, M. Populações tradicionais e Conservação Ambiental. *In*: CAPOBIANCO; João P.R. *et al.* (org.). **Biodiversidade na Amazônia Brasileira**: Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação, Uso Sustentável e repartição de benefícios. ISA/Estação Liberdade, 2011.

DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 7ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

DEMO, P. **Introdução ao ensino da metodologia da ciência**. 2ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V.; SILVA, V.C.F.; FIGOLS, F.A.B.; ANDRADE, D. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: USP, 2000.

DONATO, C.R. **Direitos Humanos e Cidadania**: Proteção, Promoção e Reparação dos Direitos das Mulheres. Belo Horizonte: Marginália Comunicação, 2016.

DUSSEL, E. **Ética da libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Tradução: EPHRAIM, F. Petrópolis: Vozes, 2000.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. *In*: BRANDÃO, C.R. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FERRÃO, J. **O ordenamento do território como política pública**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

FERNANDES, B.M. **Entrando nos territórios do território**. Presidente Prudente: UNESP, 2008.

FERREIRA, W.A.A.; PEREIRA, L.C.P.; JESUS, L.H. Tecendo a rede: movimentos... trançados... nós, entre nós e conosco mesmo. *In*: PASSOS, L.A. *et al.* (org.). **Ruação**: das epistemologias da rua à política da rua. Cuiabá: EdUFMT, Editora Sustentável, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, F.M. As Epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos: por um resgate do sul global. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 4, p. 39-54, dez. 2012.

GONZÁLEZ, A. **As origens do dia internacional das mulheres**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GRZEBIELUKA, D. Por uma Tipologia das Comunidades Tradicionais Brasileiras. **Revista Geografar**. Curitiba, v. 7, n. 1, p. 116-137, jun./2012. Disponível em: <http://www.ser.ufpr.br/geografar>. Acesso: 10 jul. 2022.

GUIMARÃES, M.C.; PEDROZA, R.L.S. **Violência contra a mulher**: problematizando questões teóricas, filosóficas e jurídicas. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi-d=S0102-71822015000200256&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 11 jul. 2022.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HAESBAERT, R. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s) colonial na América Latina. **Revista Geografares**. Edição. v. 1, n. 32, Buenos Aires, 2021.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2012.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil, 2017**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso: 11 out. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População estimada em Mato Grosso, 2020**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 jul. 2022.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos metodologia científica**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 3ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, E. **Por uma política da diferença**. Cadernos de Pesquisa, v. 36 (128): 327-356, 2006.

MALDONADO-TORRES, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 71-114, mar. 2008.

MASSEY, D.B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. Tradução: Reginaldo Santana. 18ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MATO GROSSO. SEPLAN. Secretaria de Planejamento do Estado de Mato Grosso. **Vegetação**. Uso e ocupação do solo. Cuiabá: SEPLAN, 2021. Disponível em: http://www.mt.gov.br/listar-noticias/-/asset_publisher/5fbHVSvKgFgX/content/seplan-disponibiliza-acesso-a-imagens-de-satelite. Acesso: 11 jul. 2022.

MEDEIROS, L. **Desenhística**: a ciência da arte de projetar desenhando. Santa Maria: sCHDs Editora, 2004.

- MENESES, M.P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MIGUEL, L.F; BIROLI, F. **Feminismo e política**. São Paulo: Bomtempo, 2014. v. 1.
- MILLET, K. **Sexual politics**. Chicago: University of Illinois Press, 2000 [1969].
- MONTEIRO, G.R.F.F.; ALMEIDA, A.L.T. Território e Territorialidades dos Povos e “Comunidades Tradicionais” no Brasil: uma aproximação. **Revista Interdisciplinar em Educação e Territorialidade - RIET**, Ano I, v. I, n. 1, jul./dez. 2020.
- MORENO, G. **Terra e Poder em Mato Grosso**: políticas e mecanismos de Burla: 1892-1992. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2007.
- NICOLODI, T. O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais. **Rebac. Revista Brasileira de Análise do Comportamento**. v. 17, n. 2, 2021. Disponível em: doi:<http://dx.org/10.18542/rebac.v17i2.11012>. Acesso: 11 jul. 2022.
- OLIVEIRA, A.U. **A fronteira amazônica mato-grossense**: grilagem, corrupção e violência. 1997. 2v. Tese (Livre Docência) - Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.
- PASSOS, L. A. A centralidade do tempo e da temporalidade para a educação. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 14, n. 26, p.131-149, 2005.
- PEREIRA, L.C.P.; FERREIRA, W.A.A. **Mulheres território e identidade**: despatriarcalizando e descolonizando conceitos. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- PONTY, M.M. **Fenomenologia da percepção**. 2ed. Tradução: MOURA, C.A.R. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PÓVOAS, L.C. **O ciclo de açúcar e a política de Mato Grosso**. 2ed. Cuiabá: IHGMT, 2000.
- PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.
- RIBAS. J.R.; ANTUNES. H.S. **Olhares para a educação do campo**: em busca da construção do projeto político-pedagógico. Disponível em file:///C:/Users/Colaborador/Downloads/14603-64306-1-PB.pdf. Acesso: 10 ago. 2022.
- SANTILLI, J. **Socioambientalismo e Novos Direitos**: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural. Cajamar: Peirópolis, Instituto Socioambiental e Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2021.

SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, R.J. Vínculos territoriais e residualidades camponesas no processo de territorialização do complexo sucroenergético. Microrregião de Uberlândia-MG. *In*: SANTOS, R.J. *et al.* (org.). **Residualidades, resiliências e vínculos territoriais camponeses no contexto do agronegócio da cana-de-açúcar**. Uberlândia: Regência e Arte, 2017.

SANTOS, B.S. **A construção multicultural da igualdade e da diferença Oficina do CES**, n. 135, Centro de Estudos Sociais, Coimbra: jan. 1999.

SANTOS, B.S. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, B.S. Para uma crítica pós-moderna ao direito. *In*: **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 5ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, B.S. Para uma Pedagogia do Conflito. *In*: SILVA, L.H. (org.). **Novos mapas culturais**, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SANTOS, B.S. Construindo as epistemologias do Sul. Antologia Essencial, v. I. **Para um pensamento alternativo de alternativas**. Compilado por Maria Paula Meneses... [*et al.*]. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SANTOS, R.A. Desafios do desenvolvimento territorial para a agricultura familiar. *In*: SAQUET, M.A.; SUZUKI, J.C.; MARAFON, G.J. (org.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Expressões, 2011.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **O Centro da Cidade de Salvador**: Estudo da geografia urbana. 2ed. reimp. São Paulo: USP, 2012.

SANTOS, M. **Território e sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.

SARAMAGO, J. **A caverna**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

SCHNEIDER, S.; TARTARUGA, I.G.P. Do território Geográfico à abordagem territorial do desenvolvimento rural. **Anais...** Jornadas de intercambio y discusión: el desarrollo Rural en su perspectiva institucional y territorial. Buenos Aires: FLACSO – Argentina – Universidad de Buenos Aires/CONICET, 2005.

SIQUEIRA, E.M.; COSTA, L.A.; CARVALHO, C.M.C. **O processo histórico de Mato Grosso**. 3ed. Cuiabá: Guaicurus, 1989.

SUÁREZ, N.C.R. Procesos y dinámica rurales. Una lectura desde el enfoque de género. **Revista Luna Azul**, 27, 94-103, 2008.

SOUZA, B.L.; SIMONETTI, M.L. **A educação do campo e a questão agrária.** Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2014/jornadadeestudosagrarios/lacerra_bruno_simonetti_mirian.pdf. Acesso: 10 ago. 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa** - ação. 2ed. São Paulo: Cortez, 1986.

WANDERLEY, M.N.B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. *In*: Encontro Anual da ANPOCS, 20. 1996, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 1996.

WEHLING, A.; WEHLING, M.J.C. M. **A formação do Brasil Colonial.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

YIN, R.K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Tradução: Ana Thorell. Revisão Técnica Cláudio Damacena. 4ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXOS

PESQUISA DE MESTRADO. PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS EMPREENDIMENTOS RURAIS E OUTROS ESPAÇOS

PERFIL DAS ENTREVISTAS

Gaia

Gaia, 50 anos, atualmente mora na comunidade Agrovila das Palmeiras, município de Santo Antônio de Leverger-MT. Passou toda sua infância na cidade de Juscimeira (MT). Morava no sítio, próximo à cidade de Juscimeira, ia à cidade apenas para estudar. De Juscimeira, onde estudou até o ensino médio, mudou-se para Agrovila das Palmeiras, e conheceu seu esposo, começou a namorar e casou-se. Ficou dois anos morando com seus pais, que já moravam na região. Começou a dar aula na escolinha Rural, ainda com Ensino Médio incompleto. À época era permitido o ensino sem formação superior.

Casada, a partir daí em 1993, seguiu sua vida. Teve dois filhos. Passou a viver na Agrovila, especialmente na Fazenda São Sebastião, que até hoje é propriedade da família de seu esposo. Anos depois, a escolinha rural foi diminuindo a quantidade de alunos, até que a prefeitura a fechou. Da fazenda foi para Agrovila das Palmeiras ser comerciante. Montou um posto de medicamentos, onde trabalhava com seu esposo. Montou também uma loja de roupa, onde passava boa parte do tempo.

Começou a estudar, terminando o Ensino Médio. Em 2014, começou seu primeiro curso superior, o de Letras. Foram quatro anos indo todos os finais de semana à Cuiabá, pois a UNIVAG, faculdade a qual frequentava ficava. Começou a graduação e já conseguiu um trabalho no Estado, na escola. Como não podia mais trabalhar com farmácia, pois havia limitações sobre as vendas, acabou fechando o posto, ficando somente no emprego do Estado, onde deu aula durante 15 anos.

Desempregada há dois anos, após a eleição e posse da atual Prefeita de Santo Antônio de Leverger (MT), Franciele teve a oportunidade de assumir o cargo de subprefeita na Agrovila das Palmeiras. Segundo ela, foi um momento muito tenso de preocupações, porque sempre viveu em uma escola onde era guiada e, de repente, passou a ocupar um espaço no administrativo e gestão, onde precisa guiar uma equipe. Ainda segundo ela, aceitou o desafio no trabalho de gestão, onde tem aprendido dia após dia a ocupar também o espaço enquanto mulher na política.

Diana

Nascida no centro de Cuiabá, 58 anos, foi criada por sua tia e sua avó, que apresentavam, na melhor idade, grande necessidade de cuidados especiais. Ela, desde sua juventude, cuidou de casa, e mais tarde, de sua avó. Casou-se cedo com o primeiro marido. Foi quando saiu da casa de sua avó para morar com sua sogra. Teve dois filhos. Quando engravidou do terceiro filho, seu marido rompeu a relação, alegando não ser o pai de seu filho.

Abalada, ela se separou e ele seguiu com sua amante, de 15 anos à época. Sob ameaças, passou a viver sozinha e a catar lixo nas ruas para sustentar seus filhos. À beira do rio, pescava e abriu um bar. Lá, conheceu um rapaz, casou-se novamente com outro companheiro, onde mais tarde descobriu a tentativa de abuso de sua filha menor, de 12 anos na época.

Separada, mais uma vez, mudou-se de Cuiabá para fugir das ameaças do ex-marido. Passou a morar em Campo Novo (MT) com seus filhos e sua avó. Trabalhou com carteira assinada em um restaurante. Lá ela conheceu seu atual companheiro, com o qual é casada há 24 anos. Ele, à época, cuidava dos dois filhos abandonados pela mãe. Passaram a viver os cinco filhos e o casal.

Com os filhos crescidos, o casal mudou-se para Cuiabá, onde vivem hoje na Agrovila das Palmeiras. Hoje ela faz óleo e trabalha com o babaçu. Estuda o Supletivo para concluir o Ensino Médio. Sonha em organizar seu espaço para empreender fortemente na agricultura familiar.

Ianna

Ianna, 54 anos, nasceu no município de Santo Antônio de Leverger/MT em uma pequena corrutela chamada Pasto de Cavalo. Com nove anos de idade mudou para Cuiabá para trabalhar em casa de família.

Com 16 anos voltou para sua comunidade de origem onde logo se casou e teve quatro filhos. Após o casamento, Ianna mudou para outra corrutela denominada Boa Ventura fixando morada no sítio Capivara onde reside até nos dias de hoje com esposo e filhos. Realizou seu sonho de terminar os estudos, cursou nível superior em pedagogia e, mais adiante, técnico em saúde.

Hoje atua como agente de saúde, presidente da associação de pequenos produtores de Boa-ventura e membro do conselho de segurança de Agrovila das Palmeiras.

Ceres

Ceres, 48 anos, nasceu em Niquelândia Goiás, onde passou toda sua infância. Casou com 16 anos, teve um filho em convivência de 8 anos e aos 23 se separou e se sentindo pressionada pela sociedade de que a mulher não deve viver só, casou novamente e desse matrimônio teve dois filhos e uma trajetória de imigração entre os Estados de Goiás, Mato Grosso e Rondônia.

Estudou até a quarta série e diz que o estudo não lhe faz falta, mas quer que os filhos estudem. É evangélica, não gosta de políticas, foi presidente da Cooperativa COOPAMSAL, trabalha com a produção agroecológica e o extrativismo do babaçu.

Na Agrovila das Palmeiras Ceres se destacou como importante líder e representante das agricultoras familiar. Se tornou presidente da Cooperativa COOPAMSAL, e mesmo com pouca escolaridade conduzia o funcionamento das agroindústrias e a administração de seu pequeno sítio que funcionava como campo experimental do Projeto do Campo à Mesa, da UFMT, denominado SAFs.

Atualmente Ceres vive em Machadinho do Oeste no Estado de Rondônia, trabalhando com castanha de cacau.

Isis

Isis, 55 anos, passou toda sua infância na cidade de Jaciara/MT em um sítio nas proximidades, ia à cidade apenas para estudar. Sua infância não foi muito fácil, pois infelizmente conviveu com sérios abusos dentro de casa cometidos por seu irmão mais velho.

De Juscimeira, mudou para Nossa Senhora de Fátima para continuar seus estudos. Nesse povoado, conheceu um rapaz aos 19 anos de idade com o qual formou sua família. Após o casamento ficaram sabendo do projeto da formação do povoado Agrovila das Palmeiras, migraram para esta nova comunidade onde residem até hoje.

Terminou o ensino básico, fez nível superior em tecnólogo em alimentos no IFMT e atualmente ministra palestras, cursos e coordena uma equipe de 33 funcionários em uma empresa onde é a responsável técnica.

Figura 8. Chamada de Projetos do subprograma Agricultura Familiar e de Povos e Comunidades Tradicionais

ANEXO C: Apresentação Geral do Projeto	
Programa REM - MT	
Chamada de Projetos Subprograma Agricultura Familiar e de Povos e Comunidades Tradicionais	
Nome do Projeto	Do campo à mesa: fortalecimento de cadeias produtivas sustentáveis em redes de cooperação solidária.
Área de atuação do projeto	Território da Baixada Cuiabana
Coordenadas Geográficas e/ou Pontos de Referência	Localização das comunidades parceiras com suas respectivas longitudes e latitudes: Assentamento Dorcelina Folador (-15,525705; -56,281288); Assentamento Agroana Girau (-16,029755; -57,112786); Agrovila das Palmeiras (-16,034088 -56,891999); Comunidade Imbé (-15,582764 -56,039249); CRGH (-15,582764 -56,039249); Comunidade Serragem (-15,725298 -56,912787); Assentamento Quilombo (-15,015203 -55,705317); Assentamento Zé da Paes (-15,37814 56,331598).
Qual tema e Linha de ação que o projeto está inserido.	TEMA A - Consolidar sistemas de produção que valorizem a floresta em pé, de cultivos perenes e de integração com animais, com base na agroecologia e sistemas agroflorestais: promoção do uso sustentável e da conservação dos recursos naturais. LINHA A3) Implantação de Sistemas Agroflorestais; Enriquecimento de quintais; Implantação de hortas em sistemas consorciados TEMA C - Consolidação e diversificação de mercados: promoção e organização de cadeias produtivas da sociobiodiversidade, da fruticultura e da pecuária leiteira. LINHA C1) Realização de estudos de viabilidade econômica e negócios para os produtos definidos; ampliação e diversificação de produtos e mercados. LINHA C2) Melhoria do processo de gestão para comercialização; aquisição de equipamentos e insumos para o beneficiamento, comercialização e